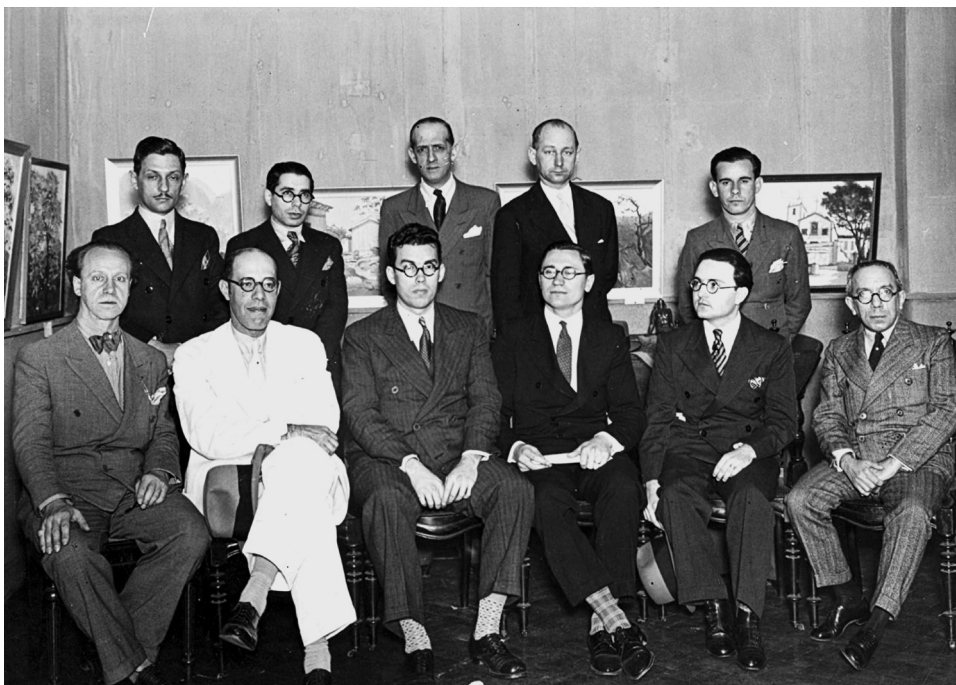


Artigos



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 35, N. 1, JAN.–DEZ. 2024
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 1934: Curt Lange e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo sentados ao centro, com Mário de Andrade (terno branco), José Cândido de Andrade Muricy (atrás de Mário) e outros (Acervo Curt Lange da UFMG).

A publicação do sexto volume do *Boletín Latino-Americano* no Brasil: contextos, redes e enredos

Edite Rocha, Natália Braga¹

RESUMO: O lugar do *Boletín Latino-Americano de Música* (BLAM) no contexto da musicologia, nomeadamente o derradeiro volume dedicado à música no Brasil (volume VI) e o impacto da iniciativa de seu editor, Francisco Curt Lange (1903–1997), são determinantes para entender uma rede de sociabilidade de intelectuais e músicos da primeira metade do século XX, intrinsecamente ligada à *praxeologia* e aos temas que orientavam as principais correntes de pensamento da época. Este trabalho, baseado essencialmente no levantamento documental realizado no Acervo Curt Lange da UFMG (ACL/UFMG) e na análise epistolar sobre o processo de organização do BLAM VI como objeto de estudo, apresenta uma narrativa sobre a idealização deste volume, a sua formalização, os enredos no processo de organização e edição, a projeção de dois volumes posteriores e os impactos dos bastidores na descontinuidade do BLAM.

PALAVRAS-CHAVE: Curt Lange. Boletim Latino-Americano de Música. Musicologia brasileira. Música e política. Praxeologia musicológica.

ABSTRACT: The role of the *Boletín Latino-Americano de Música* (BLAM) within the field of musicology, particularly the influence of its editor Francisco Curt Lange (1903–1997), is vital for understanding the intellectual and musical networks of the early 20th century, intrinsically connected to *praxeology* and the thematic concerns of the dominant intellectual currents of the time. This is especially evident in its final volume, which focuses on music in Brazil. This paper is primarily based on a documentary review of the Curt Lange Collection at UFMG (ACL/UFMG) and an analysis of the correspondence related to the organization of BLAM VI. It narrates the vision behind this volume, its formal development, the process of organizing and editing it, the planning of two subsequent volumes, and the behind-the-scenes impact on the discontinuation of the BLAM.

KEYWORDS: Curt Lange. Boletín Latino-Americano de Música. Brazilian Musicology. Music and Politics. Musicological praxeology.

O contexto que envolve a publicação do *Boletín Latino-Americano de Música* (doravante “BLAM”), projetado pelo musicólogo Francisco Curt Lange (1903–1997), tornou-se um empreendimento musicológico

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

abraçado por países como Uruguai (Lange, 1935a, 1937), Peru (Lange, 1936), Colômbia (Lange, 1938) e Estados Unidos da América (Lange, 1941), antes de chegar ao tomo “VI”² dedicado ao Brasil (Lange, 1946). Desconsiderando tanto os “*Suplementos Musicais*” que aliavam a função prática intrínseca da interpretação à promoção e edição de partituras autorais, quanto as resenhas descritivas para validar sua divulgação,³ os trabalhos dedicados ao lugar do BLAM na área da musicologia são geralmente relegados a uma abordagem tangencial na bibliografia especializada, e muitas vezes direcionados a um olhar como: a) produto ou materialização de um ideal de Americanismo Musical, b) como referência direta para artigos específicos dentro do *Boletín*, ou c) como conteúdo da relação epistolar de Curt Lange e que, contextualmente, poderá remeter direta ou indiretamente à publicação do BLAM.

228

Em um extenso quadro bibliográfico, cuja tentativa de exaurir nos levaria a imerecidos limites de uma filtragem autoral, tomamos como ponto de partida referencial trabalhos que focaram no BLAM como objeto de estudo, descrito como “uma visão fascinante da extensa história e cultura musical do Brasil” (Volpe, 2014), como “meio para a consolidação do intercâmbio cultural forjado por Curt Lange” (Assis & Godoi, 2016), como mote de análise da “receptividade [...], após a sua publicação e distribuição em 1947, e [d]o impacto na crítica do seu organizador e idealizador” (Braga & Rocha, 2019), ou como objeto para averiguar, através da “figura do compositor, os nacionalismos e o Americanismo [...], até que ponto a ideologia dos protagonistas [vinculados às primeiras edições do BLAM] foi moldada pelo nacionalismo europeu e por uma

² A questão da designação de volume — se “tomo” ou “parte” — para os desdobramentos previstos do sexto volume, mantém-se na correspondência como um termo ambíguo desvinculado de uma preocupação pelo significado, salvo uma pequena nota de Adhemar Alves da Nóbrega onde questiona a terminologia: “2º TOMO (Não é melhor chamar tomo do que volume?)” (Carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 01 jul. 1946).

³ Gates (1939), Mendoza (1939), Mazzeo (1942), Chase (1943), Mendoza (1943), Klatovsky (1948), Smith (1947), Langford (1942), Fairley (1945).

concepção cultural elitista da cultura” (Lema, 2024).⁴ Tendo como eixo a publicação do último BLAM no Brasil (o seu sexto volume, doravante “BLAM VI”), este trabalho visa entender e construir uma narrativa que situe o lugar desta produção no contexto das relações intelectuais musicológicas que permeiam a década de quarenta do século XX no Brasil.

Para tal, a partir de um recorte temporal que abarca os anos entre 1938 e 1950, período baseado no levantamento documental elaborado no Acervo Curt Lange da Universidade Federal de Minas Gerais (ACL-UFGM), este artigo teve como procedimento metodológico analisar a relação epistolar de Curt Lange com personalidades específicas do cenário político e intelectual brasileiro relacionados à produção do sexto volume, a saber: os Ministros de Educação e Saúde Gustavo Capanema (entre 1934–1945),⁵ Ernesto de Souza Campos (ministro no ano de 1946) e Clemente Mariani (cuja pasta remonta de finais de 1946 até 1950); Getúlio Vargas (Presidente do Brasil entre 1930 e 1945); Carlos Drummond de Andrade (como Chefe de Gabinete do Ministério de Educação e Saúde entre 1934–1945); Mário de Andrade (1893–1945); Heitor Villa-Lobos (1897–1959), então na função de Presidente da Comissão Organizadora do BLAM VI (após 1944); os membros da Comissão Organizadora do BLAM VI, como Oscar Lorenzo Fernández (1897–1948), Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905–1992) e Renato Almeida (1895–1981); Adhemar de Nóbrega (1917–1979), que veio a ficar responsável pela publicação do BLAM VI após a partida de Curt Lange do Brasil para Montevidéu (1946); membros representantes do grupo “Música Viva” como Cláudio Santoro (1919–1989), César Guerra-Peixe (1914–1993) e Hans-Joachim Koellreutter (1915–2005); envolvendo também os críticos musicais Eurico Nogueira França (1913–1992) do jornal *Correio da Manhã* e Ondina Portella Ribeiro Dantas (1897–1980), que assinava como “D’OR”, do jornal *Diário de Notícias*.

⁴ No original, “*en qué medida la ideología de los protagonistas estaba modelada por los nacionalismos europeos y por una concepción cultural elitista*” (nossa tradução).

⁵ Não consideramos para este efeito o ministro Raul Leitão da Cunha (ministro entre outubro de 1945 e janeiro de 1946), que tendo feito parte do governo interino, não foi identificado na correspondência com Curt Lange.

Assim, num enredo que envolvia espaços tão variados quanto: a) o Instituto Interamericano de Musicologia (Montevideu, Uruguai) sob direção e fundação de Francisco Curt Lange, b) o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (CNCO, presidido por Villa-Lobos),⁶ c) a Imprensa Nacional, d) o Ministério da Educação e Saúde, e finalmente e) os jornais, através da correspondência com o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*, esta pesquisa baseou-se na documentação da relação epistolar de Curt Lange com os sujeitos diretamente envolvidos na derradeira publicação do BLAM, identificados no Acervo Curt Lange da UFMG (Subséries “2.1”, correspondência enviada, e “2.2”, para correspondência recebida), além de referenciais hemerográficos e bibliográficos complementares para a construção de uma narrativa.

Indícios de uma colaboração

230

A rede de relações de Curt Lange com pesquisadores, críticos e músicos brasileiros remonta ao início da década de 1930. Tendo como ponto de partida a sua primeira viagem ao Brasil em 1934, a sua vinda insere-se em um certo movimento de eventos ou atividades de cariz científico e que nesse ano culminaria com o “I Congresso Afro-Brasileiro em Recife”, Pernambuco (organizado em novembro por Gilberto Freyre), onde posicionamentos sobre a música encontraram-se representados por Mário de Andrade, Ernani Braga, Nair Andrade e Renato Almeida (Rocha, Braga & Azevedo, 2023).

Através do convite de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo para realizar no Rio de Janeiro uma palestra sobre o “Americanismo Musical” (Lange, 1935),⁷ podemos atestar na sua vinda, por um lado, a tentativa de conso-

⁶ Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, criado em 1942 e oficializado em 1946 (Lema, 2024; Santos & Ferronato, 2019).

⁷ Suas produções iniciais dedicadas especificamente a este conceito incluem o *Americanismo Musical: la sección de investigaciones musicales, su creación, propósitos y finalidades*, publicado pelo Instituto de Estudios Superiores uruguaio em 1934 e, ainda nesse mesmo ano, na revista de cultura mexicana *La Reforma Social*, Tlaxcala. Posteriormente, destaca-se a internacionalização do conceito além do

lidar este conceito em solo brasileiro (Moya, 2014, p. 100-101) e, por outro, um forte impulso para o lançamento do projeto macro do *Boletín*. Fruto dessa viagem, Curt Lange firmou um contato mais próximo com Mário de Andrade e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, que viriam a contribuir com trabalhos para o primeiro volume do BLAM (Lange, 1935a), mas também com compositores como Heitor Villa-Lobos, Camargo Guanieri, Lorenzo Fernández e Francisco Mignone, cujas obras seriam incluídas no respectivo *Suplemento Musical* (Lange, 1935b).⁸

O enredo à volta da contribuição autoral de músicos e pesquisadores brasileiros nas publicações do *Boletín* permaneceu constante, recorrendo principalmente a Mário de Andrade para indicação das principais referências no panorama nacional ou pedidos para intermediar com os seus discípulos e conhecidos. Além da contribuição brasileira à qual Curt Lange atinha-se fortemente, por intermédio de Mário de Andrade surgiu a possibilidade da impressão do BLAM IV em São Paulo, o que gerou algum atraso na publicação então anual (em abril), e que em 1938 acabaria por ocorrer somente em dezembro, em Bogotá (cartas de Curt Lange a Mário de Andrade, 26 mai. 1938 e 09 jun. 1938).

O Boletim é mais que provável que o publicaremos, como lhe propús. Em todo caso, nada lho posso dizer neste momento. Deu-se uma forte reviravolta política aqui no Estado, e devo apresentar hoje a minha demissão de diretor do Dep. de Cultura. Do nosso prefeito e nosso diretor dependerá a decisão final. Mas espero que seja boa (carta de Mário de Andrade a Curt Lange, 08 mai. 1938).

Acabo de receber sua carta e para seu governo comunico-lhe que as coisas aqui se transformaram completamente com a mudança política. Nada mais lhe posso prometer nem garantir, pois subiu gente do partido oposto e estamos sendo ferozmente combatidos. Não vale a pena levantar o problema da publicação agora. É melhor deixar passar uns meses para ver se a situação muda ou pelo menos acabam percebendo que meu destino não é político, mas cultural. Então voltarei

espaço latino-americano em *Papers read at the Internacional Congress of Musicology* (1939) (Moya, 2015) e outras.

⁸ A inclusão de textos de autores brasileiros nos vários volumes do BLAM era recorrente, à exceção do quinto volume, que antecedeu a publicação do derradeiro dedicado exclusivamente ao Brasil. Em relação à inclusão de obras de compositores brasileiros, estas foram adicionadas em quatro *Suplementos Musicais* do BLAM (I, III, IV e VI).

a conversar sobre o assunto. Por enquanto não passo de um funcionário subalterno. Muito cordialmente e tristonho (carta de Mário de Andrade a Curt Lange, 31 mai. 1938).

Na sequência, o quinto volume (inicialmente previsto para ser publicado no México), já foi concebido sem a colaboração de autores brasileiros, salvo se Mário de Andrade enviasse a Lange um aguardado trabalho, entretanto não recebido.

Na esfera temporal desses cinco anos (1934–1939), Curt Lange expande seu vínculo com o Brasil, seja através da ampliação da sua rede de contatos, construção e trânsito de ideais musicológicos, seja na contribuição para as estruturas artístico-científicas de música. Um dos marcos que viria a denominar como “Grande Plano”, remete à concepção de um “I Congresso Latino-Americano de Música” no Rio de Janeiro, organizado para julho de 1936 (Rocha, Braga & Azevedo, 2023). Não obstante o conjunto de fatores que levaram à não concretização desse evento, Curt Lange seguiu na idealização de um volume “dedicado integralmente a la creación brasileira” (Lange, 1946). Naturalmente, em 1939 a situação político-econômica era ainda bastante condicionada, mas Curt Lange já empreende os primeiros passos para a sua concretização.

232

[...] Antes de regresar al Uruguay, es decir, de pasar por el Brasil, quiero sorprenderlo con un nuevo y gran volumen. Quizás nos sea posible conseguir a base de los últimos éxitos en materia de Americanismo Musical, el tomo vi dedicado al Brasil. Escríbame sobre el particular para yo reservarle el puesto a esse querido país (carta de Curt Lange a Mário de Andrade, 25 mai. 1939).

A gênese da formalização no Brasil

Os primeiros registros identificados da iniciativa de Curt Lange de levar avante o projeto do *Boletín Latino-Americano de Música* dedicado inteiramente ao Brasil, remontam ao ano de 1939 (carta de Curt Lange a Mário de Andrade, 25 mai. 1939). Mas o processo de iniciar a formalização deste projeto estende-se a 15 de janeiro de 1941, quando este escreve ao então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, e ao seu Chefe de Gabinete, Carlos Drummond de Andrade, solicitando a publicação

do tomo VI no Brasil (carta de Curt Lange a Gustavo Capanema, 15 jan. 1941), além de outros contatos e “gestões, por intermédio da Embaixada” do Brasil no Uruguai e do Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro.

Naturalmente, as motivações de Curt Lange em relação à publicação do BLAM no Brasil relacionam-se com o seu próprio papel enquanto musicólogo. Ele ansiava pesquisar no Brasil, aprofundar seu conhecimento sobre o passado musical, além das produções existentes, e contribuir para a musicologia como área numa fase ainda muito incipiente. Assim, articulando com outros projetos, Lange apresentou a Mário de Andrade sua proposta de “contribuição na secção brasileira do *Léxico Latinoamericano de Música* e nos estudos comparativos da música afro-cubana e afro-brasileira, campo muito frutífero, como poderá imaginar” (carta de Curt Lange a Mário de Andrade, 24 abr. 1941).

Em um contexto no qual o papel autônomo de pesquisador como ocupação profissional se desvelava socialmente (e ainda se desvela...), o título de professor ou doutor como *status* servia a Curt Lange de força propulsora para apresentar-se como musicólogo ou historiador da música. Contudo, para manter a flexibilidade da função como autônomo, boa parte dos seus projetos passavam também pela componente prática de garantir recursos que lhe permitissem prosseguir com seu propósito. Por esse motivo, este foi sempre um tema recorrente na análise de sua correspondência, muitas vezes delimitador e outras vezes delicado quando acabava por afetar suas decisões de prosseguir ou alterar seus planos e pesquisas.

A relação com Mário de Andrade nesta fase inicial é determinante para Curt Lange, a quem diretamente solicita uma recomendação e apoio para essa iniciativa (carta de Curt Lange a Mário de Andrade, 06 fev. 1942).⁹ Não obstante os argumentos político-econômicos já anteriormente alegados, Lange prossegue em buscar alternativas para conseguir

⁹ As tentativas de Curt Lange em conseguir algum tipo de financiamento para viajar ao Brasil, nomeadamente através do Conservatório de São Paulo, remontam ao ano de 1933, identificado por Mário de Andrade como um período de recessão econômica e cultural em que as instituições particulares e públicas estavam atravessando no país (Arcanjo Júnior, 2011, p. 48).

apoio, agora direcionadas à iniciativa da publicação do BLAM VI. Assim, em paralelo às tentativas diretas de sensibilização do governo brasileiro para esse empreendimento, Curt Lange recorre ao musicólogo e crítico musical carioca Eurico Nogueira França, então colaborador e posteriormente redator-responsável da *Revista Brasileira de Música*, no intuito de apresentar o BLAM.¹⁰ Contudo, face ao silêncio em obter um retorno, em finais de novembro Curt Lange volta a escrever a Eurico Nogueira França informando da sua viagem para o Rio de Janeiro, onde assume manter a sua convicção pela publicação do tomo VI no Brasil (carta de Lange a Eurico Nogueira França, 04 mai. 1942). Ao chegar ao Rio de Janeiro, uma semana após, escreve pela primeira vez ao então Presidente Getúlio Vargas solicitando autorização e financiamento (carta de Lange a Getúlio Vargas, 31 dez. 1941).

234

Durante o período entre dezembro de 1941 e janeiro de 1942, Curt Lange consegue aparentemente estabelecer vários dos contatos para a concretização deste projeto, nomeadamente com autoridades responsáveis como Gustavo Capanema e Lourival Fontes (então Ministro do Departamento de Imprensa e Propaganda — o conhecido DIP — entre 1934 e 1942), Ondina Portella Ribeiro Dantas e Mário de Andrade, que conhecia o impacto do *Boletín* no contexto musicológico e musical da América Latina (carta de Curt Lange ao *Diário de Notícias*, 15 jan. 1942).

Nesse âmbito, a influência direta de Mário de Andrade na escolha das contribuições e colaboradores para o BLAM VI afirma-se fortemente (carta de Mário de Andrade a Curt Lange, 28 fev. 1941), fazendo uma apresentação de autores específicos, motivos e respectivas temáticas a serem consideradas para o *Boletín* (ver Quadro 1). A estas sugestões, Mário de Andrade demanda uma “lista completa dos colaboradores, para saber si devo colaborar ou não, como protesto”, clarificando que “não sou nada intransigente, mas sinto necessidade de, num momento tão escuro para o meu país, assumir uma atitude de cooperação em condenatória sobre

¹⁰ Esta apresentação incluía a quantidade de páginas previstas, a dedicação integral ao Brasil e uma prévia abordagem do conteúdo.

Quadro 1. Colaboradores previstos inicialmente para o BLAM VI.

MÁRIO DE ANDRADE (28 fev. 1941)	CURT LANGE (12 mar. 1942)
[Frei] Pedro Sinzig	[Clóvis] Bevilacqua
Almir de Andrade	Brasílio Itiberê [da Cunha Ferreira Luz]
Luiz Heitor Corrêa de Azevedo	[Antônio de] Sá Pereira
Renato de Almeida	Paulo Guedes
Furio Franceschini	[Hans-Joachim] Koellreutter
Caldeira Filho	
Oneida Alvarenga	
Luís da Câmara Cascudo	

o que se faz sobre ele” (carta de Mário de Andrade a Curt Lange, 28 fev. 1941). Em resposta, Curt Lange comenta o mérito da proposta e adiciona outros nomes (carta de Curt Lange a Mário de Andrade, 12 mar. 1942),¹¹ iniciando-se um processo de negociação que viria apenas a alterar seus interlocutores e que se prolongaria até publicação final do BLAM VI.

235

Embora a troca de informações e debate entre estes dois musicólogos possa suscitar uma reflexão sobre as relações de poder inerentes e alguns questionamentos sobre o nível de submissão de Lange para realizar estes convites sugeridos por Mário, a comunicação posterior a esta troca teve um forte ralentando. Contudo, a expectativa inicial de Mário de Andrade foi claramente exposta numa carta dirigida a Capanema, em que defende o apoio ao tomo VI do *Boletín* e assume a sua própria colaboração como garantia de qualidade.

[...] Se de alguma coisa lhe vale minha opinião, preciso lhe dizer que considero muito útil esse número especial. O Boletim é hoje considerado universalmente, tem uma distribuição larguíssima e já publicou estudos de interesse fundamental. [...] Estou me dedicando quanto posso por esse número especial sobre a música brasileira. Não sei por enquanto o que sairá, e é certo que a musicologia brasileira ainda é muito pobre para que possa dar um volume inteiramente valioso. Mas resolvi tomar a peito esse problema da colaboração, pra ver se conseguimos al-

¹¹ Para mais informações, conferir a análise de autores como Arcanjo Júnior (2011, p. 46, 50, 52), Moya (2014, p. 120) e Remião (2018, p. 258–259).

guma coisa que não nos envergonhe, impondo colaboradores, lembrando ideias. E em tempo, se tiver certeza de que a coisa vai sair vergonhosa, lhe avisarei com lealdade e retirarei minha colaboração (Mário de Andrade apud Schwartzman, Bomeny & Costa, 2000, p. 393).

O silêncio que segue-se ao pedido formal de apoio ao governo brasileiro leva Curt Lange a expressar claramente a Eurico Nogueira França o seu lamento e gradual perda de esperança (carta de Curt Lange a Eurico Nogueira França, 04 mai. 1942). Entretanto, a determinação deste musicólogo leva-o a reiterar o seu pedido a Gustavo Capanema, a quem envia o tomo V do BLAM (carta de Curt Lange a Gustavo Capanema, 05 nov. 1942), obtendo um mero agradecimento como resposta (carta de Gustavo Capanema a Curt Lange, 18 jan. 1943). Somente na carta datada de 1.º de novembro desse ano, em nome do Ministro, Drummond de Andrade comunica que Getúlio Vargas tinha aprovado o apoio a esta publicação no valor de “Cr\$ 290.000,00 a ser despendida em 1944” e informando que “o prof. Heitor Villa-Lobos foi incumbido pelo Sr. Ministro de entrar em contacto com o prezado amigo, a fim de serem tomadas todas as providências necessárias ao bom êxito da iniciativa” (carta de Carlos Drummond de Andrade a Curt Lange, 01 nov. 1943).¹²

236

O interregno de dois anos (1941–1943) entre a solicitação de Curt Lange e a aprovação do apoio governamental envolve vários aspectos diretamente dependentes da trama geopolítica e da guerra, como as consequências da oposição entre EUA e Alemanha e suas consequências, como o bloqueio marítimo que desencadeava implicações comerciais significativas para o Brasil.¹³ Entretanto, a essa conjuntura política articulavam-se também as

¹² Este valor atribuído (que deveria comportar as publicações, pesquisa e despesas de Curt Lange entre outros gastos envolvidos) foi alvo de comentários, alguns mais discretos que outros, como relatado ao embaixador da Venezuela, Pulido Mendez, em que expõe abertamente a má gestão de Villa-Lobos dessa verba, que daria para publicar os três tomos, e alegado uso indevido da mesma pelo presidente da comissão (carta de Curt Lange a Pulido Mendez, 21 dez. 1946).

¹³ Em janeiro de 1942 o Rio de Janeiro foi palco da “III Conferência Extraordinária dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas”, cujos resultados das negociações levaram a uma mudança oficial do apoio político da Alemanha para os EUA (Neto, 2013).

relações do próprio Getúlio Vargas com a intelectualidade brasileira, ilustradas, por exemplo, pelo convite, em 1941, para assumir uma cadeira da Academia Brasileira de Letras (ABL), o qual contrariava uma ala intelectual que alegava abertamente a necessidade de uma democracia no país e opunha-se ao direcionamento político coevo. Somente em finais do ano de 1943 Vargas assume a 37.^a cadeira da Academia e, coincidentemente, aceita apoiar a publicação do BLAM VI, em um contexto que podemos inferir como movimento estratégico para apaziguar a ala intelectual.

O processo para a concretização

Todo o processo de elaboração do volume, agora sob alçada de Heitor Villa-Lobos,¹⁴ estabelece-se a partir do ano de 1944, com orientações e aspectos práticos que acabam por responder: a) ao questionamento de Lange sobre a inclusão de colaborações latino-americanas ou estadunidense no *Boletín* (carta de Lange a Villa-Lobos, 19 jan. 1944); b) sobre detalhes acerca da vinda de Lange para a concretização do projeto; além de ser informado c) da nomeação da Comissão Organizadora¹⁵ pelo Ministro Capanema com intuito de auxiliar a publicação do *Boletín*; d) do limite de páginas para a publicação (máximo de 500 páginas), “todas consagradas ao Brasil”; e por fim e) sobre a orientação para que o projeto fosse concluído em um breve espaço de tempo (até três meses), considerando a oscilação monetária que poderia afetar a verba concedida (carta de Villa-Lobos a Lange, 10 fev. 1944).

237

¹⁴ Além do destacado cargo de Diretor na Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA) na década de 1930, Villa-Lobos foi nomeado pelo Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema a diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (CNCO) entre 1942 e 1959, e a partir de 1945 acompanhou o processo de descentralização desses Conservatórios em outros Estados (Santos, Ferronato & Mecenaz, 2019).

¹⁵ A Comissão Organizadora, presidida por Heitor Villa-Lobos, era constituída por Oscar Lorenzo Fernández (1897–1948), Manuel Bandeira (1886–1968), Andrade Muricy (1895–1984), Renato Almeida (1895–1981), Brasília Itiberê (1896–1967), Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905–1992) e Egydio de Castro e Silva (Braga & Rocha, 2019, p. 102).

Esta carta desencadeia uma reação espontânea de Curt Lange, que recorre novamente a Drummond de Andrade para reconsiderar este período de tempo e a Villa-Lobos para expor a inviabilidade de cumprir esse prazo, dado que planejou permanecer um ano no Brasil para este fim, reiterando ainda a possibilidade de recorrer a recursos e colaborações estadunidenses (carta de Curt Lange a Carlos Drummond de Andrade, 15 fev. 1944). Em março de 1944, Curt Lange chega ao Rio de Janeiro para dar andamento a todo o processo e obtém condições logísticas, como uma sala no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico para executar as suas funções e apoio nas despesas inerentes ao cargo. A autonomia que Lange tinha se outorgado como editor nos primeiros cinco volumes do *Boletín* foi pela primeira vez compartilhada com a nomeação da Comissão Organizadora que condicionou muito a sua ação, levando a um certo desabafo de descontentamento sobre a real função da mesma ao membro Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, a quem demonstrava uma relação de maior proximidade (carta de Lange a Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, 09 abr. 1944).

238

Numa outra perspectiva, Mário de Andrade justifica a Luiz Heitor, numa carta de 4 de abril de 1944, não ter aceitado o convite para integrar essa Comissão por discordar do impacto que a mesma promoveria pela falta de reconhecimento e confiança na qualidade profissional do trabalho musicológico de Curt Lange (Remião, 2007, p. 2). Naturalmente, não pretendemos adentrar nas motivações que levaram a instaurar esta Comissão, mas além dessa perspectiva pessoal atribuída por Mário de Andrade, é muito provável que as motivações políticas no controle da informação publicada sob os auspícios do governo, o cariz de poder atribuído aos membros nomeados, a possibilidade de controlar e promover a música que representasse uma identidade e a componente rentável dos custos envolvidos para este grande projeto, sejam elementos extremamente fortes num contexto ainda atual.

Na adequação ao novo modelo de funcionamento para edição do BLAM, Curt Lange enfrentou alguns desafios, como o episódio da restrição do envio do intenso fluxo de correspondência que ele mantinha com

vários colaboradores, e que foi sendo retida pela Comissão e não enviada aos destinatários por motivos supostamente econômicos. Lange justifica-se perante Villa-Lobos na esperança de agilizar e resolver essa restrição (carta de Curt Lange a Villa-Lobos, 27 jun. 1944), mas a relação com a Comissão Organizadora acentuou alguns desafios que foram se intensificando gradualmente. Lange recorre a Drummond de Andrade para desabafar o fato de não ser convidado para as reuniões da Comissão (carta de Curt Lange a Carlos Drummond de Andrade, 23 ago. 1944), e a Luiz Heitor a sua preocupação com o *Boletín*, assumindo não ter ainda entregue o conteúdo à Imprensa, valendo-se de argumentos econômicos (cartas de Curt Lange a Luiz Heitor, 29 ago. 1944, e a Cláudio Santoro, 10 set. 1944).

Não nos estendendo sobre essas questões de ordem mais administrativas que refletem o cenário vigente, Lange prossegue com a possibilidade de projetos paralelos e a determinação em ampliar a sua rede de contatos. Como o objetivo de sensibilizar para a necessidade de se criar uma Biblioteca Nacional de Música no Brasil, escreve ao Ministro Capanema a respeito, embora aproveite para fazer uma breve promessa de oferecer o primeiro exemplar do BLAM em março de 1945 (carta de Curt Lange a Gustavo Capanema, 07 out. 1944). Entretanto, em outra missiva ao então Chefe de Gabinete, Carlos Drummond de Andrade, Lange desvela abertamente seu descontentamento com a administração de Villa-Lobos e a distribuição orçamentária relacionados ao *Boletín*, especialmente no que relacionava-se aos gastos com a comissão (carta de Curt Lange a Carlos Drummond de Andrade, 21 out. 1944). Um mês depois, reitera este tema, partilhando informações sobre a reunião com a Comissão Organizadora do BLAM (na qual participaram somente Lorenzo Fernández, Andrade Muricy, Luiz Heitor, Manuel Bandeira e Egídio de Castro e Silva), para tentar averiguar a real situação econômica para concretização da publicação.

Após alguns meses, Villa-Lobos parte em viagem, e com a ausência do presidente da Comissão, Lange solicita demandas específicas em relação

ao BLAM, por acreditar estar em apuros pelos gastos excessivos relacionados (carta de Curt Lange a Drummond de Andrade, 21 nov. 1944). Expondo abertamente sua situação financeira, Lange alegava estar então condicionado ao valor previsto para cobrir suas despesas de transporte (ida e volta). Mas o nível de detalhes em relação à gestão intensifica-se e a responsabilidade direta de Villa-Lobos é gravemente exposta e questionada. Nessa altura, o posicionamento de Lange baseia-se na não entrega do exemplar a ser publicado, dado que a comissão não tinha conhecimento do paradeiro da verba associada, embora permanecessem confiantes que o presidente conseguiria mais. Lange fecha-se: “*Yo me resisto a entregar a la Imprensa Oficial un solo original hasta tener la seguridad de que hay dinero suficiente*” (carta de Curt Lange a Drummond de Andrade, 21 nov. 1944). Uma possível solução apontada por Lange, indica a possibilidade de imprimir o BLAM no Uruguai, assegurando uma redução de valores. A Comissão constrange-se e Lange consegue autorização para solicitar somente um orçamento indicativo. Esta carta levanta ainda outro detalhe desta indevida prestação de contas, justificando a Drummond desconhecer onde encontravam-se os comprovantes de despesas solicitados, além de outros elementos que colocariam a gestão de Villa-Lobos em questão, denunciando certa irregularidade e uma intriga instalada.

240

Se abordar tão abertamente essa polêmica sobre o desconforto dos bastidores nesse período pode ser considerado por um lado distante de uma esfera de conteúdo musicológico, por outro o impacto destes pode ter se refletido em posicionamentos musicais. Numa carta a Cláudio Santoro, que então tinha sido agraciado com uma bolsa para estudar nos EUA, é possível encontrar em Lange indícios da sua oposição ao grupo coeso de “retrógrados, desconfiados, [...] fabricantes de música nacional”, com Andrade Muricy e Lorenzo Fernández, ironizando o interesse de Luiz Heitor e Eurico Nogueira França pela música de Santoro após obtenção desta distinção (carta de Curt Lange a Cláudio Santoro, 30 nov. 1944).

Algo acontece porém após 15 de janeiro de 1945, data da carta a Drummond de Andrade, onde reitera a sua recusa em entregar os originais para a

Imprensa, e uma certa “submissão” a Villa-Lobos (cartas de Curt Lange a Lorenzo Fernández, 05 abr. 1945, 26 abr. 1945, 23 jun. 1945, 07 jul. 1945, 26 jul. 1945 e 14 ago. 1945), onde Lange apresenta o andamento de algumas questões, como a compra do papel para cumprimento do prazo definitivo ansiado por Villa-Lobos. Surge então a previsão da publicação para o mês de agosto de 1945, mas já tendo em andamento todo o processo para publicação do segundo tomo, como demonstra a carta enviada a Renato Almeida (carta de Curt Lange a Renato Almeida, 16 mai. 1945) e Cláudio Santoro (carta de Curt Lange a Cláudio Santoro, 18 dez. 1945), onde se solicita trabalhos específicos. A partir de outubro 1945 o Chefe de Gabinete de Capanema passa a ser Antonio Leal Costa, momento em que Curt Lange ainda almeja um aumento na tiragem do BLAM e reitera seu interesse na criação de uma Biblioteca Nacional de Música (carta de Lange a Antonio Leal Costa, 29 set. 1945).¹⁶ Entretanto, a surpresa na insatisfação pela qualidade inferior do papel selecionado, levanta questionamentos e agrava o ambiente em busca dos responsáveis:

241

No que se refere ao papel, acho que você deveria publicar uma nota na imprensa do Rio esclarecendo o assunto. Com toda sinceridade (e eu já o disse ao Maestro e a Lorenzo e a outros mais) acho que a fábrica é a única culpada. Não se pode admitir que alguém fosse examinar dezenas de milhares de folhas de papel, uma

¹⁶ Este interesse pela fundação de uma “Biblioteca Nacional de Música” vai surgir ao longo da sua correspondência nesse período, principalmente com as autoridades políticas, nomeadamente ministros, e com Adhemar Nóbrega que intermediava com vários desses contatos: “Naturalmente, eu sempre estou ao dispor duma obra de cultura, mas é impossível voltar novamente em condições precárias, esperando meses pelo dinheiro e fazendo dividas sem necessidade. Eu admiro muito ao Villa, sua obra e sou o primeiro em reconhecer que no Brasil eu teria, como já disse, trabalho para 10 anos. Contudo, gostaria muito mais que duma Discoteca, da organização do meu velho sonho, de fazer lá, com todos os documentos existentes, a Biblioteca Nacional de Música do Brasil. Isto sim é uma obra pela qual um homem pode sacrificar uns bons anos se ele achar apoio no Governo” (Carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 05 jun. 1946) e Lorenzo Fernández: “Sempre estou sonhando com a Biblioteca Nacional de Música, o meu grande projeto. Para isso eu voltaria gostosamente, para fazer lá uma obra de transcendencia. No Prólogo do Boletín, Você vae achar as minhas conclusoes. Aliás seria muito bom Você le-lo, uma vez composto. Mandeí esse último original faz já algumas semanas” (carta de Lange a Lorenzo Fernández, 25 out. 1946).

por uma. O vendedor agiu desonestamente e disso o público deve tomar conhecimento (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 21 jun. 1947).

A instabilidade política do Governo Vargas, que viria a ser deposto em 29 de outubro de 1945, mergulha o BLAM num forte silêncio que oculta o atraso da publicação prevista para agosto de 1945 e reflete-se na ausência de registros na correspondência consultada. Só no ano seguinte (1946), com o novo governo de Gaspar Dutra, o BLAM é retomado de forma intensa. Uma das primeiras missivas é enviada ao recém nomeado Ministro da Educação e Saúde Ernesto de Sousa Campos com conhecimento de Villa-Lobos (carta de Lange a Ernesto de Sousa Campos, 23 fev. 1946), com Lange apresentando a compilação de trabalhos já recolhidos para a publicação do BLAM, ultrapassando a quantidade de 1.300 páginas, e justificando a divisão do material em dois volumes (ou tomos), para os textos e os suplementos musicais.

242 O constrangimento acentua-se com a demora de dois anos face aos três meses inicialmente impostos, atraso que precisou ser justificados com os seguintes argumentos: a demora na entrega dos textos e dos exemplos musicais pelos colaboradores (apontando os próprios membros da Comissão Organizadora do BLAM); a viagem de Villa-Lobos aos EUA, cuja atribuição de Presidente não foi substituída na sua ausência, condicionando o andamento da publicação; e as dificuldades no trabalho da Imprensa Nacional e falta de ajudantes/secretário que pudessem auxiliar em todas as questões editoriais que se mostravam fortemente específicas.

Em 1946, Adhemar Nóbrega, vinculado ao Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, assume a função de intermediário com o então Diretor Villa-Lobos. Nesse período, Curt Lange já tinha retornado a Montevideu (março de 1946), e a ponte com Nóbrega facilitou também o contato com a Imprensa Nacional, que viria a publicar essa obra. Inicia-se então uma das mais frequentes trocas de correspondência sobre o BLAM. Logo na primeira carta “em função do Boletim”, Adhemar Nóbrega, a pedido de Villa-Lobos solicita todo o conteúdo (“provas, fotos e provas de clichês”), para ser repassado ao Ministro Sousa Campos, particularmente o artigo

de Mário de Andrade (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 08 mar. 1946) e a prova da capa que Lange pretendia com as cores da bandeira nacional (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 21 mar. 1946). O ministro acaba aprovando o fundo amarelo, e ainda em março desse ano o trabalho de edição avança, com a revisão finalizada e paginação (até 253 páginas) realizada.

A primeira prova e publicação do *Suplemento Musical* surge já em abril de 1946,¹⁷ por uma editora distinta do volume de texto da imprensa.¹⁸ Embora, numa carta dirigida a Lorenzo Fernández, Lange demonstre o seu desagrado por não ter recebido a terceira prova solicitada do suplemento, lamentando que seguramente sairia com falhas, solicita que Villa-Lobos lhe enviasse um exemplar. Nesse mês de abril faltava somente o “Prólogo” para finalizar toda a parte textual do BLAM, prometido para ser entregue logo (carta de Curt Lange a Adhemar Nóbrega, 07 abr. 1946). Porém quatro dias após, Villa-Lobos altera a composição desse primeiro volume do BLAM VI, solicitando o envio do artigo de Lorenzo Fernández sobre ele mesmo (Villa-Lobos), assumindo uma reestruturação do índice temático dos trabalhos, de forma a incluir textos menos musicológicos e mais analíticos (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange 11 abr. 1946). Consequentemente, o impacto desta e outras alterações que Villa-Lobos

243

¹⁷ “*Este Suplemento Musical del tomo VI del Boletín Latino-Americano de Música fue grabado por Mario Braz da Cunha, Encargado del Curso de Formación de Músicos Artífices del Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, Rio de Janeiro, y impreso por IRMÃOS VITALE, São Paulo*” (Lange, 1946, p. 168).

¹⁸ Curt Lange mantinha um comprovado contato com a editora paulistana Lítero-Musical Tupy desde 1943, que publicava para ele outros trabalhos musicais, particularmente partituras da Editorial Cooperativa do seu Instituto Interamericano de Musicologia. Em 17 de dezembro de 1944, Lange reitera o pedido de orçamento para publicação do *Suplemento Musical* do BLAM VI (carta de Curt Lange à Lítero-Musical Tupy?, 17 dez. 1944), cuja negociação previa a quantidade de 2.000 exemplares de 180 páginas. Contudo, após várias tentativas infrutíferas para obtenção do orçamento, Lange vê-se impelido a considerar a proposta de Villa-Lobos e solicitar os serviços da Editora Irmãos Vitale, assumindo a desvinculação com a primeira Editora (carta de Curt Lange à Lítero-Musical Tupy, 07 abr. 1945) (para mais informações, ver Buscacio, 2010, p. 156–159).

impôs, como a troca de dois artigos previstos por três provenientes do segundo volume¹⁹ acabaram por afetar bastante o andamento de uma publicação que já estava no processo de edição, paginação e prova final. Lange contesta sobre o índice do segundo volume, que seria adicionado à primeira parte:

[...] não foi justo o Villa com a ordenação do índice segundo a entrega dos trabalhos, cronologicamente falando. [...] Não é possível deixar fora os trabalhos do Frei Pedro Sinzig, que aliás, são só 19 mais 9 páginas. O Cosme, que chegou tão fora de hora, deve esperar para a terceira parte. [...] Nessa segunda parte há um problema fundamental: cumprir com os que mandaram os seus estudos a tempo e mais ainda, os que mandaram os seus estudos de tal maneira a tempo que deveriam ter figurado na Parte Primeira (carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 30 dez. 1946).

244

Na escolha definitiva do índice, o confronto entre posicionamentos dominantes ou visões diferentes que regiam publicamente a música na sociedade era um embate velado entre intelectuais, embora o conceito subjacente que a ala nacionalista tinha sobre o grupo de vanguarda representado por Koellreutter, Santoro e Guerra-Peixe (e no qual se incluía também Curt Lange) fosse apontado por “prejudicar seriamente os jovens músicos de talento” (carta de Koellreutter para Curt Lange, 22 abr. 1946). Embora com algumas questões, como o atraso na reestruturação dos artigos do primeiro volume e uma alteração de funcionários na Imprensa Nacional por questões políticas, tudo indica que se consolida a concretização dessa edição (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 30 mai. 1946). Assim, numa carta a Adhemar (carta de Curt Lange a Adhemar Nóbrega, 16 mai. 1946), Lange prevê iniciar a revisão do segundo volume do Tomo VI, contatando os autores ainda com trabalhos em atraso, como Renato Almeida (carta de Curt Lange a Renato Almeida, 21 mai. 1946) e

¹⁹ Villa-Lobos inseriu os artigos de Pedro Sinzig (Frei Pedro), de Arnaldo Estrella (sobre música de câmara) e outro ainda de Lorenzo Fernández (sobre Villa-Lobos sua própria obra, como dito acima), e solicitou que os textos de Ascenso Ferreira sobre “Presépios e Pastoris” e de Serafim Leite sobre “A música nas escolas jesuíticas” fossem retirados primeira parte. Houve a tentativa de retirar também o artigo de Irene da Silva Mello Carvalho sobre “O fado”, que foi entretanto reinserido (cartas de Adhemar Nóbrega a Lange, 11 abr. 1946 e 19 abr. 1946).

Andrade Muricy, em paralelo com as negociações que Villa-Lobos traçava com o Itamaraty para que comprassem 200 exemplares do primeiro volume, o que seria suficiente para custear o segundo volume, previsto de menor dimensão (carta de Adhemar a Curt Lange, 30 mai. 1946).

Embora se inicie a possibilidade desse segundo volume subdividir-se em dois pela quantidade de informação e textos, praticamente dois meses depois Lange estava ainda ansioso por saber sobre a publicação do primeiro volume e dos exemplares do *Suplemento Musical* que ainda não tinha recebido para divulgação (carta de Curt Lange a Villa-Lobos, 12 jun. 1946). Villa-Lobos responde rapidamente (carta de Villa-Lobos a Curt Lange, 14 jun. 1946), justificando os mesmos pontos apresentados por Adhemar Nóbrega em cartas anteriores e confirmando que, juntamente com Renato Almeida, encontrava-se em negociações junto ao Ministro de Relações Exteriores para o apoio à impressão do segundo volume, pelo que sugeria a distribuição do suplemento com a publicação do primeiro volume do BLAM VI. Imediatamente Lange contata então Renato Almeida e Luiz Heitor, reforçando o atraso pelo “[...] ambiente difícil que caracteriza a organização musical do Brasil” (carta de Curt Lange a Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, 16 jun. 1946) e manifestando uma certa indignação ao ter conhecimento que Villa-Lobos já tinha se antecipado em distribuir os suplementos do primeiro volume (carta de Curt Lange a Villa-Lobos, 16 jun. 1946), reiterando ainda uma entrega de 100 a 200 exemplares do mesmo (carta de Curt Lange a Villa-Lobos, 21 jun. 1946).

Intensifica-se ao longo desses meses a negociação sobre a impressão de um segundo volume de maiores dimensões (inicialmente previsto com mais de 400 páginas, e posteriormente mais de 600 páginas²⁰), ou de dois volumes menores, num impasse em torno do pedido de que o material final desse segundo volume fosse rapidamente enviado por Curt Lange, para aproveitar uma verba temporariamente disponível do Itamaraty em troca dos 200 exemplares negociados. Segundo Lange, faltavam ser enviados essencialmente dois artigos para esse segundo volume do BLAM VI: o

²⁰ Carta de Curt Lange a Adhemar Nóbrega, 07 jul. 1946.

do próprio Curt Lange sobre Gottschalk e o de Luiz Heitor, o que ensejou cartas com Renato Almeida, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Villa-Lobos e Adhemar Nóbrega para agilizar esse processo (carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 01 jul. 1946).

BOLETIM — II volume — Está dependendo da remessa urgente dos trabalhos que você prometeu enviar dentro de 15 dias, na última carta. E tal como eu lhe fiz ver, a demora na publicação desse problemático 2.º volume está pondo em perigo a garantia da verba pelo Ministério do Exterior. Há indícios evidentes de que tal verba será absorvida por outros compromissos sendo assim, a presença dos originais se torna imperiosa, inadiável, mesmo que posteriormente você tenha de revê-los mais a vagar. O essencial é que eles venham logo (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 02 ago. 1946).

Há um equívoco em me atribuir o lugar de promotor n.º 1 desse dito volume [v. 2]. Nada tenho que ver com o mesmo, a não ser o seguinte. Como não houvesse verba para ser publicado, pois o Vil[il]a tem carta do Itamaraty nesse sentido, obtive que a sua impressão corresse pelas verbas normais do ministério deste ano, como qualquer outra das que deveria dar a matéria completa e com urgência, pois do contrário, a verba poderia ser consumida, pois não se trata, como está vendo, dum financiamento, mas de uma forma de se obter essa publicação. Até agora, ainda não recebi a matéria, mas minha única função no caso é receber o material completo (o ministério não recebe em partes) do 2.º vol. e passar ao serviço de publicações. A informação que lhe deu o Adhemar foi exagerada, pois todo o assunto continua nas mãos do Vil[il]a-Lobos (carta de Renato de Almeida a Lange, 15 ago. 1946).

246

Neste contexto que foi se arrastando, e em meio a outras questões financeiras (como o atraso ou não pagamento dos valores acordados com Curt Lange e a necessidade de realizar outras atividades que trouxessem um imediato retorno financeiro), a dedicação de Curt Lange foi afetada, e observamos um certo distanciamento seu na finalização do processo de edição BLAM. Em agosto de 1946, não obstante várias solicitações da parte de Adhemar que intermediava todo o processo de publicação, Curt Lange ainda não tinha concluído o “Prólogo” da primeira parte do BLAM VI, que só viria a ser enviado em inícios de outubro daquele ano,²¹ coinci-

²¹ O “Prólogo” foi enviado entre 11 out. 1946, data em que Lange referiu que estava ainda terminando de escrevê-lo, e 25 out. 1946, quando alegou já ter enviado algumas semanas antes.

dentemente após a promulgação a 18 de setembro de 1946 da nova Constituição do Brasil, que marcava um ideal contrastante da visão política.

RENÚNCIA DO MINISTÉRIO — Como você sabe, teremos uma Constituição amanhã ou sexta-feira, novinha em folha, para por termo às arbitrariedades dos Josés Liras. Isso significa que todo o Ministério vai renunciar. Precisamos, por isso mesmo, adiantar o mais possível o trabalho dêsse primeiro volume que agora depende unicamente do prefácio e do seu artigo, pois até o artigo de Lorenzo que deu tanto trabalho para a repaginação já está pronto para a impressão (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 17 set. 1946).

A delimitação de 25 páginas para o prólogo estabelece-se somente numa carta escrita sobre um telegrama por/em nome de Villa-Lobos com data de 18 de setembro de 1946, como ultimato. Contudo, várias questões levantam-se, como o envio tardio do prólogo, o afastamento de Adhemar Nóbrega por motivos de saúde também nesse mês,²² passando essa função e trabalhos para Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e Wilson,²³ e a viagem de Villa-Lobos para a Argentina. O fechamento da publicação definitiva do primeiro volume ocorreu em finais de 1946, em particular nos últimos dois meses. A falta de acesso aos textos incluídos por Villa-Lobos levou Lange, no final de novembro, a solicitar a Luiz Heitor o envio dos artigos de Estrella, Lorenzo Fernández e do próprio Villa-Lobos (carta de Luiz Heitor a Lange, 07 nov. 1946), e somente em dezembro foi confirmado que Lange recebeu as provas finais (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 18 dez. 1946).

Contudo, o constrangimento de um prólogo “muito sincero” que “vai mostrando uma série de falhas da vida musical do Brasil, comparativamente com as outras da América” (carta de Lange a Cláudio Santoro, 11 out. 1946), marca mais um desconforto com a Comissão Organiza-

247

²² Segundo a carta de Luiz Heitor, Adhemar Nóbrega retornaria quase dois meses após (carta de Luiz Heitor a Lange, 05 dez. 1946).

²³ Wilson, auxiliar de escritório do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Segundo comentários na correspondência trocada nos anos 50, veio a ser associado a um caso de corrupção e envolvido na polêmica do papel da edição do BLAM (cartas de Adhemar a Lange, 14 jan. 1950 e 15 abr. 1950; carta de Lange a Adhemar, 03 mar. 1950).

dora, cujo prazo limita uma ação, constrangimento ao qual soma-se a nota emitida e publicada em que “declara não assumir responsabilidade pelos conceitos expendidos nos artigos assinados, bem como no prólogo” (Lange, 1946). Após receber finalmente as provas, Lange identifica vários problemas de impressão, da qualidade e definição, pelo que pretende publicar uma nota aos leitores justificando que a obra tinha sido impressa em sua ausência, impondo uma nota a 31 de março de 1947 onde “declina toda a responsabilidade por los errores y las deficiências que acusa esta obra” (Lange, 1946).²⁴

248

O início de 1947 é marcado por providências em torno de detalhes da impressão da primeira parte do volume VI (provas finais, modelo da capa e respectivas cores definitivas, alterações realizadas diretamente por Villa-Lobos etc.), bem como pelo recebimento dos ansiados 15 contos através da embaixada do Uruguai.²⁵ Em janeiro, enquanto Villa-Lobos encontrava-se nos EUA, Curt Lange vai tentando manter-se informado das alterações que o Presidente da Comissão Organizadora tinha efetuado no BLAM; recebendo detalhes apenas através de Adhemar Nóbrega, Lange aproveita para obter informações também sobre a situação política do Brasil (dada a ainda recente eleição dos governadores de Estado e eleições suplementares em 19 de janeiro de 1947) (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 21 jan. 1947). Em maio de 1947 a publicação encontrava-se disponível:

²⁴ Esse tema prossegue ainda ao longo de 1947 em que Nóbrega arremata que “Quanto ao seu prólogo, acha o Maestro que há precisamente contradição entre o do texto e do suplemento. Mas deixemos o assunto que eu estou lhe escrevendo às pressas” (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 21 jun. 1947).

²⁵ Ao longo de todo o processo, Curt Lange fez várias tentativas para receber esse valor e que, por não residir no país, não conseguia receber diretamente. Solicitou então a Hans-Joachim Koellreutter, Cláudio Santoro e Adhemar Alves Nóbrega que fossem seus intermediários. A questão da procuração, sobre a qual Adhemar informa que Koellreutter não poderá receber o dinheiro e faz sugestão de outros nomes possíveis, refere-se aos 4 contos correspondente à venda de livros que Curt Lange deveria receber do Conservatório (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 02 ago. 1946).

Voltando ao Boletín: quando o Villa fez a entrega do Boletín para a Academia elogiou como sendo uma das obras mais importantes no gênero que se publica em todo o mundo e falou do 2.º tomo que está encarregado o Renato de Almeida (carta de Cláudio Santoro a Lange, 10 mai. 1947).

Finda essa etapa, a troca enfatiza questões mais técnicas relacionadas à distribuição e à entrega dos respectivos exemplares, como o envio através da embaixada do Uruguai²⁶ para o Instituto Interamericana de Musicologia,²⁷ dentro do acordo inicial de 2.000 exemplares.²⁸ Na distribuição

²⁶ O transporte dos 800 exemplares do BLAM VI, além do valor dos 15 contos, eram fruto do apoio direto da embaixada, seja através do trânsito privilegiado quanto o contato pessoal que mantinha com vários membros da diplomacia nas Américas. Contudo, mesmo após reiteradas reivindicações de Lange por: a) ainda não ter recebido os exemplares do BLAM VI do Instituto Interamericano de Musicologia (carta de Lange a Koellreutter, 24 jun. 1948; carta a Lorenzo Fernández, 22 jul. 1948); b) já ocorrer a distribuição interna no Brasil e em algumas embaixadas (carta de Lange a Guerra-Peixe, 25 jul. 1948); e c) que, segundo informações, estariam encaixotados no Ministério da Educação aguardando verba para o seu envio (carta de Lorenzo Fernández a Lange, 03 ago. 1948) ou, segundo a reiterada perspectiva de Guerra-Peixe, retido por oposição do ministro Clemente Mariani a um projeto que envolvia Villa-Lobos na atual conjuntura política (carta de Guerra-Peixe a Lange, 11 ago. 1948), só em meados do ano foram expedidos os exemplares (carta de Lange a Cláudio Santoro, 12 ago. 1948), e só passados alguns meses foram recebidos por Lange, em novembro (carta de Lange a Luiz Heitor, 28 dez. 1948). Coloca-se assim a hipótese de envio através do serviço de documentação do Ministério da Educação, então sob direção de José Simeão Leal, atingindo valores como 28.000 Cr.[uzeiros], o que Adhemar considerava um valor excessivo caso tivesse sido assegurado pelo Conservatório (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 27 jan. 1948).

²⁷ Este tema será esclarecido por Adhemar na carta de 21 de junho de 1947, onde detalha todo o processo de decisão em relação aos exemplares devidos para o Itamaraty e aos 800 que seriam remetidos ao Instituto Interamericano de Musicologia, e não mais os 1.000 como anteriormente acordados e previstos. Esta questão foi ainda alvo de tentativas de negociação por Curt Lange, mas aparentemente manteve-se a decisão (carta para Adhemar, 14 ago. 1947).

²⁸ Inicialmente foram previstos: a) 1.000 exemplares destinados para o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (CNCO), responsabilizando-se pelo envio para embaixadas e b) 1.000 exemplares para distribuição internacional, Américas e Europa (Carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 01 mar. 1946). Este acordo manteve-se até a fase final, quando Villa-Lobos determinou retirar 200 exemplares dos destinados a Curt Lange. O papel de José Simeão Leal, passou a ser determinante na fase final, tendo auxiliado Lange a enviar os seus exemplares para o Uruguai (600 exemplares) e diretamente

do *Suplemento Musical*, diretamente relacionado ao conceito de musicologia prática defendido por Curt Lange, há naturalmente uma preocupação em condicionar o envio aos que estavam diretamente relacionados com a prática musical:

[...] desejo adir só uma coisa mais: há instituições que não precisam de nenhuma maneira do suplemento musical. Este deve ser reservado para uma distribuição posterior, para músicos, intérpretes, estudiosos, diretores de orquestra. Naturalmente, o Suplemento Musical deve figurar nas bibliotecas principais, como documento anexo ao Boletín, mas entre os particulares que não são músicos, é um verdadeiro crime a distribuição que não tem resultados práticos para a interpretação da música impressa (carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 10 out. 1947).

A (des)construção da continuidade

250

E O VOL. II? — No final de um período acima manifestei entre parênteses as minhas dúvidas quanto ao segundo volume. É que realmente a coisa está mais difícil do que se supunha. O ministro interino das Relações Exteriores (que já foi substituído pelo atual Raul Fernandes) deu o contra no projeto. Depende, agora, de Renato de Almeida arranjar com o dr. Raul Fernandes a publicação, pois não é admissível que se perca tanto trabalho já pronto (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 18 dez. 1946).

No início de 1947, diversas variáveis influenciaram a (des)construção da continuidade publicação do *Boletim Latino-Americano de Música* (BLAM) VI. Entre elas, destacam-se: a) a concepção quase simultânea dos volumes VI,1 e VI,2; b) a projeção de continuidade do projeto, impulsionada por uma convergência de interesses, pelo instável apoio político e por certas instituições que visavam sequenciar a produção sobre a música no Brasil; c) a existência de redes de sociabilidade que articulavam tanto os convites realizados diretamente por Lange quanto aqueles determinados pela Comissão; d) a hierarquização dos trabalhos, que resultou na publicação de alguns e no adiamento de outros para uma fase posterior; e por fim e) o aumento significativo do número de trabalhos para o volume VI,2, o qual, devido a restrições orçamentárias e à limitação da extensão de impressão, demandou para sua viabilização a subdivisão em um terceiro volume.

para os EUA (200 exemplares).

Embora reconheça-se o desgaste dos envolvidos na fase final da publicação, a dimensão financeira parece ter desempenhado um papel mais significativo do que as motivações e condicionantes políticas. Em finais de 1946, já se teria perdido a verba do Itamaraty, dado que o então ministro interino de Relações Exteriores tinha se recusado apoiar o projeto. Contudo, com a posse do novo ministro, Raul Fernandes, novas tentativas foram encetadas para conseguir o apoio através de Renato Almeida (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 18 dez. 1946). Na fase final da editoração do volume VI,1, como estratégia para assegurar a publicação do volume subsequente (VI,2), elaborou-se o índice preliminar para divulgação dos textos autorais (ver Figura 1). Entretanto, ao constatar-se que alguns dos trabalhos excediam o limite de páginas estabelecido, planejou-se uma terceira parte, identificados através de asteriscos, com a nota: “a lista dos trabalhos destinados ao 2.º vol. figuram como ‘não incluídos por motivo de força maior’” (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 27 dez. 1946), lista à qual Lange tinha contestado a ordenação imposta:

[...] não foi justo o Villa com a ordenação do índice segundo a entrega dos trabalhos, cronologicamente falando. [...] Não é possível deixar fora os trabalhos do Frei Pedro Sinzig, que aliás, são só 19 mais 9 páginas. O Cosme, que chegou tão fora de hora, deve esperar para a terceira parte. [...] Nessa segunda parte há um problema fundamental: cumprir com os que mandaram os seus estudos a tempo e mais ainda, os que mandaram os seus estudos de tal maneira a tempo que deveriam ter figurado na Parte Primeira (carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 30 dez. 1946).

251

A incerteza quanto à continuidade do projeto é recorrente na correspondência trocada entre os envolvidos. Adhemar Nóbrega expressava a intensidade do trabalho e a dúvida sobre a continuidade da obra: “com isso chegamos à página 608, última do primeiro volume. (E talvez do único...)” (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 18 dez. 1946). Em contrapartida, numa carta de resposta, Lange demonstra mais esperança quanto à viabilidade futura dessa última parte (VI,3), esclarecendo que: “Dentre as provas mando-lhe a folha na qual da-se a conhecer o Índice provisório da Segunda Parte. Vamos, inicialmente, incluir tudo. Se logo não aparecem todos os autores, pode-se rectificar isto com uma folhinha que aparecerá com o

ÍNDICE

LANGE, FRANCISCO CURT.....	Vida y muerte de Gottschalk en Río de Janeiro.
SILVA, PAULO.....	Bandas militares
FERREIRA, ASCENSO.....	Presépios e Pastoris
CABRAL, OSWALDO R.....	A música em Santa Catarina no século XIX
BEVILACQUA, OCTAVIO.....	O samba carnavalesco carioca
LAVENÈRE, LUIS.....	Nossas cantigas
OLIVEIRA, CLOVIS DE.....	O movimento musical do Estado de São Paulo
SETTE, MARIO.....	Músicas que o Recife ouviu
* CORRÊA DE AZEVEDO, LUIZ HEITOR..	Bibliografia musical brasileira (1820-1943)
NEVES, VICTOR.....	Música folklórica do Rio Grande do Sul
FERREIRA, ASCENSO.....	Notas acerca do Bumba-meu-boi
SINZIG, FREI PEDRO.....	Tesouros numa Biblioteca
SINZIG, FREI PEDRO.....	Um Graduale alemão de 1522
SINZIG, FREI PEDRO.....	Uma voz gregoriana no século XV
SANTOS, BENEDICTO NICOLAU DOS...	Simbología musical
HERSKOVITS, M. J. & WATERMAN, R..	Música de culto afro-baiano
LEITE, SERAFIM.....	A música nas Escolas jesuíticas
* ANDRADE MURICY, J. C.....	Panorama da vida orquestral no Brasil
ALMEIDA, RENATO DE.....	A música na América latina
* COSME, LUIZ.....	Classificação e catalogação de música
HELM, EVERETT.....	Dos obras de Camargo Guarnieri

NOTA: Los trabajos provistos de asterisco, por su extensión y entrega más reciente, están sujetos a ser incorporados a la *Tercera Parte* de esta obra, conjuntamente con diversos estudios de Francisco Curt Lange (*Mauricinas; La música en Minas Gerais, parte II; La producción de Villa-Lobos en 1946; La obra de Lorenzo Fernández; La obra de Claudio Santoro, etc.*) y el estudio de Matta Machado Filho, *A música do negro garimpeiro em Minas Gerais*.

Figura 1. BLAM VI, índice preliminar da segunda e terceira parte (Lange, 1946).

volume impresso, anunciando... a terceira parte, que aparecerá, seguramente, no ano 2.999!” (carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 11 fev. 1947).

Em 1947, o papel de Renato Almeida intensificou-se nas tentativas de publicação do segundo volume, enquanto Lange adaptava-se às condicionantes políticas para viabilizar a continuidade do projeto, dado “que isso se sucedeu numa fase de instabilidade e que precisava da confirmação do novo titular que assumiu logo o seu cargo” (carta de Lange a Renato

Almeida, 17 mar. 1947), referindo-se ao então recém-empossado ministro Raul Fernandes, que assumira em dezembro de 1946.²⁹ A busca por um segundo volume de elevada qualidade levou Lange a escrever a Lorenzo Fernández expressando a necessidade de retornar ao Rio de Janeiro para acompanhar o processo editorial e assegurar pessoalmente a qualidade da publicação: “acho indispensável voltar ao Rio” (carta de Lange a Lorenzo Fernández 14 abr. 1947). Entretanto, em paralelo à divulgação do recente volume, inicia-se um período delicado em termos de bastidores, seja no contato com o crítico musical Eurico Nogueira França por meio do jornal *Correio da Manhã* (Braga & Rocha, 2019, p. 105), seja com outros atores do cenário musical, como Cláudio Santoro e Guerra-Peixe, com quem tinha um contato mais próximo. A percepção de uma possível conspiração contra Lange é desabafada mais abertamente em correspondências com Guerra-Peixe.

Atualmente há no Rio um movimento muito escuro em contra de mim, organizado pelo Eurico, assim acho. Você está vendo que a minha carta não publicou-se no jornal, mas deu-se conhecimento dela ao Eurico, que já tomou as providencias não só ele para me responder de novo, se não comunicando o fato a tal Comissão Organizadora (que nunca fez outra coisa que dificultar, junto com o Villa, a obra), para incluir no volume um folha na qual me acusam de ser eu o culpável da compra do papel. Não conheço o texto disso, nem recebi, como diretor da publicação, a menor prova disso, nem o volume sequer, estando-se já distribuindo no Brasil. Tenho a impressão que estão fazendo coisas muito sujas comigo, não tendo movido um dedo todos eles (carta de Lange a Guerra-Peixe, 23 mai. 1947).

253

Como enquadramento para a publicação do BLAM VI, Ana Claudia Assis e Rafael Godoi aprofundaram essa temática (Assis & Godoi, 2016, p. 8), destacando a importância de Villa-Lobos no cenário musical e a sua atuação em contextos políticos, cujas iniciativas musicais em meados do século xx (incluindo as de cunho didático, artístico e editorial), dependiam de sua aprovação e apoio. Neste panorama, para compreender o limitado apoio da Comissão Organizadora à divulgação da primeira parte do sexto volume, Lange considera a sua preferência pessoal por nomes da vanguarda musical, entre os quais Santoro, Koellreutter e o próprio Guer-

²⁹ Ver <http://www.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores>.

ra-Peixe, como um fator dissonante ao movimento do nacionalismo musical. Em contrapartida, Guerra-Peixe aponta como decisiva a ausência de valorização dos membros da Comissão no prólogo do editor (carta de Guerra-Peixe a Lange, 18 mar. 1947). Não obstante os bastidores implícitos e explícitos na considerável troca de correspondência, o cronograma geral previa a publicação da segunda parte até ao final de 1947:

A matéria do 11 volume a compor já foi entregue à Divisão de publicações e creio que até o fim do ano poderá aparecer esse complemento do Boletim, cujo 1.º volume, *malgré tout*, é excelente. Relativamente ao financiamento da sua vinda ao Brasil pelo Itamaraty é coisa que, nas circunstâncias atuais, não tem a mínima das possibilidades. Entramos em regime de economias drásticas e com as verbas exangues (carta de Renato Almeida a Lange, 19 mai. 1947).

254 Em meados desse ano, 1947, todo o processo de edição da segunda parte prosseguia, com Adhemar Nóbrega cobrando de Lange a finalização e envio urgente do artigo *Vida y muerte de Gottschalk em Rio de Janeiro* e de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo a *Bibliografia musical brasileira (1820–1943)*, aguardados há mais de um ano (radiotelegrama de Adhemar Nóbrega a Lange, 28 jun. 1947). Contudo, embora alguns detalhes relacionados a aspectos práticos sejam abordados, a intensa troca de correspondência com Renato Almeida, Luiz Heitor e naturalmente com Adhemar Nóbrega para assegurar o rápido avanço na publicação seguinte,³⁰ contrasta com outras informações paralelas que Lange obtinha, como o receio de que, segundo Bertino, o 2.º volume estivesse “perdendo-se no meio da poeira” (carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 17 set. 1947).

Paralelamente, Lange depara-se com o questionamento daqueles colaboradores que, tendo enviado atempadamente seus textos, foram surpreendidos com a não inclusão deles no recém-publicado volume, como “o Dr. Cabral, de Florianópolis, e o Dr. Clóvis de Oliveira, o Sr. Mário Sete, do Recife; o Prof. Benedicto Nicolau dos Santos, de Curitiba; o Prof. Víctor R. Neves, de Porto Alegre; o Padre Serafim Leite; o proprio Prof. Paulo Silva, do Rio e o Prof. Lavenere, de Jaraguá, Alagoas” (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 10 out. 1947). Afirmando não ter conhe-

³⁰ Carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 04 jan. 1948.

cimento de que os seus trabalhos seriam somente publicados no segundo tomo, a troca de correspondência com estes autores não foi considerada para esta etapa do levantamento, não obstante sua relevância em termos de abordagem *praxeológica musical* relacionada ao BLAM. Nessa perspectiva, analisar os critérios de seleção autoral, temático ou musical como decisões humanas alinhadas a afinidades intrínsecas, estratégias, comportamentos etc., permite uma lente de observação para refletir a natureza comportamental na dimensão de uma praxeologia musicológica (por exemplo a determinação de Mário de Andrade para a seleção dos colaboradores convidados como garantia de qualidade ou, em outra perspectiva, a decisão final da Comissão de trocar os trabalhos publicados na primeira parte e, indiretamente, hierarquizar conteúdos e autores).

No esforço diplomático de comprometer-se perante os autores com o volume ainda em construção e assegurar o andamento dos trabalhos sob a supervisão de Renato Almeida, entre 1947 e 1948 as notícias sobre a continuidade do projeto mantêm-se gradualmente discretas (carta de Lorenzo Fernández a Lange, 17 nov. 1947). Embasado no aparente “desinteresse” de Villa-Lobos em apoiar o segundo tomo, já que os seus artigos (direta ou indiretamente publicados sobre ele e/ou sua obra), estavam já assegurados no primeiro volume, Curt Lange acentua as manifestações de desapontamento em relação ao segundo e terceiro tomos disponíveis na Imprensa Nacional (carta de Curt Lange a Cláudio Santoro, 19 jan. 1948):

[...] vamos considerar perdido o material dos volumes II e III, porque senão há reacção agora, quando já o material vaee ficando podre, pior vai ser mais adiante. Doe pensando nos tantos colaboradores que trabalharam nisso semanas e meses!! E que não vão ver fruto do seu esforço (carta de Lange a Adhemar Nóbrega, 03 fev. 1948).

Não obstante, Curt Lange expande sua rede de contatos e mobiliza os mais próximos para averiguar e intermediar pessoalmente o andamento dos trabalhos,³¹ cuja morosidade é recorrentemente desabafada com a

³¹ Nas relações cruzadas, Guerra-Peixe repassa informações indiretas relacionadas ao contato pessoal com Adhemar Nóbrega (carta de Guerra-Peixe a Lange, 10 fev. 1948,

possibilidade de tornar público o “grande escândalo sobre os dois volumes ainda na imprensa” (carta de Lange a Guerra-Peixe, 25 abr. 1949, e carta de Guerra-Peixe a Lange, 28 abr. 1949). Somente em meados de 1949 o pedido de financiamento foi oficialmente indeferido, quando Renato Almeida confirma a negativa do Itamaraty em prover recursos para a publicação dos volumes II e III do BLAM (cartas de Guerra-Peixe a Lange, 06 jul. 1949 e 09 jul. 1949). Em contrapartida, através da distribuição individual da primeira parte do BLAM VI como estratégia, Lange prossegue expandindo sua rede de sociabilidade com o Brasil, também vinculada ao projeto da criação de uma Biblioteca Nacional de Música no país:

256

Venho agradecer-lhe a delicadeza de me haver remetido o tomo VI, com suplemento, do “Boletim”. Não fôra êste seu gesto amável, e eu não teria oportunidade de apreciar esta magnífica edição, que tanto me interessava, pois aqui a distribuição se fez sob um critério de extrema severidade: como se a obra envolvesse segredos militares, ou diplomáticos... / Valeu a pena todo o seu trabalho, pois o volume saiu primoroso. E o seu estudo sôbre a música em Minas Gerais é obra magistral, que bem poderia abrir caminho para trabalhos sistemáticos e de profundidade, no mesmo gênero, cobrindo todo o nosso país. / Talvez ainda não estejamos maduros para a realização do seu projeto de uma biblioteca nacional de música, mas a idéia é das que ficam, e há de frutificar com o tempo. / Mais uma vez muito obrigado, prezado Curt Lange. Na expectativa da anunciada segunda parte do “Boletim”, envia-lhe cordial abraço, com os melhores votos de trabalho e saúde, o seu admirador e amigo (carta de Carlos Drummond de Andrade a Lange, 28 nov. 1949).

Após assumir o cargo na Universidade de Cuyo, Argentina, Curt Lange faz uma nova investida junto do então diretor da Imprensa Nacional, Francisco de Paula Achilles, para o envio de um orçamento para a publicação dos restantes volumes, a fim de solicitar financiamento ao Governo Argentino, argumentando que o “valor intrínseco deles, dedicado inteiramente à musicologia brasileira, não deve perder-se” (carta de Lange à Imprensa Nacional, 17 mai. 1949). A resposta da Imprensa — condi-

e resposta de Guerra-Peixe a Lange, 30 mar. 1948), e com Koellreutter detalhes sobre o encontro com Renato Almeida, que supostamente mantinha ainda a confiança na edição do segundo tomo (carta de Koellreutter a Lange, 26 fev. 1948).

cionada à orientação e aprovação do Conservatório Nacional, nomeadamente do então Presidente da Comissão Organizadora e Diretor desta instituição, Villa-Lobos — tardaria cerca de seis meses. Porém, a Imprensa justifica as restrições em enviar um orçamento que contemplasse as gravuras, alegando que Curt Lange teria recebido os originais (carta da Imprensa Nacional a Lange, 05 out. 1949).

Neste processo, Lange conjectura duas outras possibilidades: seja a) aliando a Imprensa Nacional com o Instituto Nacional do Livro para uma publicação conjunta, com quem já tinha contato direto através de seu então diretor Augusto Meyer (1902–1970), seja b) por meio de um contato pessoal com Pedro Calmon Moniz de Bittencourt (1902–1985), então Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, que tinha uma viagem prevista à Argentina e com quem vislumbrou articular um possível convênio com a Universidade de Cuyo. Dando ênfase à primeira proposta — “antes de se tirar o chumbo e as valiosas gravuras de tanto documento, seria bom esgotar todas as possibilidades, inclusive a procura duma ajuda direta do Instituto Nacional do Livro, e da Imprensa Nacional” (carta de Lange a Augusto Meyer, 22 fev. 1950) —, escreve no mesmo dia ao então Diretor-Geral do Departamento de Imprensa Nacional (carta de Lange a Francisco de Paula Achilles, 22 fev. 1950), e ao Diretor do Instituto Nacional do Livro. No caso de obter o financiamento conjunto, projeta ainda o apoio do Ministério da Educação e do Itamaraty, que pela compra de exemplares poderiam presentear as “Embaixadas, Legações e Consu- lados no Exterior” (carta de Lange a Augusto Meyer, 22 fev. 1950).

257

[...] Se o Sr. Ministro [Clemente Mariani] nao reage, então há mais duas possibilidades: / a) A obra pode ser publicada em colaboração económica entre o Instituto Nacional do Livro e a Imprensa Nacional e repartir-se logo a producido da mesma, pois é valiosa e todo o mundo a procura, pagando ao menos mais do custo. / O Dr. Augusto Meyer é um amigo meu pessoal de muitos anos. / b) esperar ainda umas semanas e aguardar a chegada para esta Universidade do Dr. Pedro Calmon, Reitor da Universidade Nacional do Rio de Janeiro e procurar uma colaboração económica com aquela Universidade e a nossa para se publicar a obra em conjunto. Já tenho falado sobre este particular com o nosso Rector e há seguridade total que o Ministério das Relaciones Exteriores da Argentina também

vae apoiar a iniciativa. / [...] Acho que seria lamentável de tirar todo esse material valioso até nao esgotar totalmente todas as possibilidades, até a última, porque é material dedicado ao Brasil e para bem do Brasil e dos seus valores no extranjeiro (carta de Lange a Francisco de Paula Achilles, 22 fev. 1950).

Em inícios de 1950 Lange é informado da eminente fundição do chumbo correspondente à impressão dos dois tomos finais³² (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 14 jan. 1950). Tendo conhecimento da fragilidade da relação entre o então ministro Clemente Mariani e Villa-Lobos, Curt Lange mobiliza mais uma tentativa junto ao ministro para a concretização desse projeto, ponderando até a troca de título ou alteração do tipo de publicação: “*Todas las instituciones dedicadas a la enseñanza y a la cultura musical en el Brasil, pueden atestiguar al Sr. Ministro la trascendencia del tomo VI,2 del Boletín Latino-Americano de Música, el cual, en último caso, podría adquirir cualquier otro nombre con tal de no haber fracasado la obra*” (carta de Lange a Clemente Mariani, 28 fev. 1950).

258

A obra é de prestígio. Não é de importancia fundamental que apareça agora com o nome do Instituto Interamericano de Música. Pode aparecer como obra do Instituto Nacional do Livro, com tal de que seja mencionado o meu nome e o do Instituto como compilador e iniciador da obra. Tenho agora comigo todas o quase todas as provas e alguns originais. Poderia ainda deixarse fóra aqueles trabalhos sem maiores ilustrações que eu posso publicar aqui mais adiante, mas são poucos. Em geral, todos os trabalhos estão generosamente ilustrados com grandes documentos que eu achei ou com elementos decorativos adequados (carta de Lange a Augusto Meyer, 22 fev. 1950).

O ministro encaminha as duas cartas recebidas de Lange (cartas de Lange a Clemente Mariani, 01 out. 1948 e 28 fev. 1950) para o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 15 abr. 1950), antes da sua saída do ministério para candidatar-se ao Senado pela Bahia, que ocorreria a 15 de maio de 1950. Considerando que Lange não teria conhecimento da intenção de candidatura do Ministro a outro cargo, recorre novamente ao apoio de Luiz Heitor³³ (carta de

³² Nessa carta é informado que a fundição terá ocorrido provavelmente ainda em 1949. Essa informação permanecerá dúbia ao longo da correspondência posterior.

³³ Vale lembrar que Luiz Heitor Corrêa de Azevedo ocupava, desde 1947, o cargo de Secretário da Seção de Música da UNESCO em Paris, que exerceu até 1965.

Curt Lange a Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, 24 abr. 1950), para ainda conseguir o apoio dos Ministérios da Educação e de Relações Exteriores/Itamaraty (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 15 abr. 1950), uma vez que haveria um posicionamento favorável de Villa-Lobos para a concretização da publicação.

Contudo, a pressão dos autores que se atinham à promessa da publicação de seus textos leva Curt Lange a ampliar as alternativas. Na sequência, direta ou indiretamente promovida pelo ministro Mariani, harmoniza-se a nova possibilidade de editar parte do material restante da segunda e terceira parte do BLAM na *Revista Cultura* do Ministério da Educação.³⁴ Luiz Heitor comenta ter sido informado através de Renato Almeida e congratula-se de Lange ter autorizado: “Acho a ideia ótima. A revista é muito séria e muito bem apresentada” (carta de Luiz Heitor a Curt Lange, 12 mai. 1950).

Você é o diabo mesmo. Escreví-lhe uma carta ou duas. Nada de resposta. Mandei-lhe o número 1 da Revista de Estudios Musicales e Suplemento Musical. Nem uma resposta. Agora recebo do padre Serafim Leite, do Portugal, e não do Rio, a separata do seu estudo originalmente destinado ao Boletín Latino-Americano de Música. Quer dizer que o número 2 da sua Revista saiu faz tempo e nada tenho recebido [...]. Tampouco figura na separata a menção que acordamos nosotros, é dizer, que esse artigo fazia parte do Boletín Latino-Americano de Música e que foi cedido à sua Revista. Tampouco estão as gravuras correspondentes! Peço-lhe de me escrever e de me mandar dois exemplares de número 2 e outras publicações do Ministério [...] porque tenho comigo toda a minha biblioteca brasileira (Mendoza) (carta de Curt Lange a Simeão Leal, 22 nov. 1950).

259

Em suma, com a) a parcial publicação de alguns dos textos na *Revista Cultura*, b) a escassa comunicação com o então diretor, José Simeão Leal, c) o novo direcionamento de Lange em criar um outro modelo de publicação acadêmico-científica com a fundação da *Revista de Estudios Musicales*

³⁴ Editor-chefe: José Simeão Leal. Ao se concretizar o envio dos exemplares do primeiro tomo do sexto volume, Lange já tinha solicitado ajuda a José Simeão Leal para apoiar a publicação da segunda parte (carta de Lange a José Simeão Leal, 29 set. 1948), no mesmo período que enviou uma outra carta para o ministro Clemente Mariani na esperança que interviesse na impressão da segunda parte e, eventualmente, da terceira (carta de Lange a Clemente Mariani, 01 out. 1948).

(Mendoza, 1949–1954) ao se estabelecer na Universidade de Cuyo, d) a consequente publicação de mais alguns dos trabalhos previstos para o BLAM, e por fim e) a perda das gravuras tantas vezes destacadas, encerra-se o capítulo do *Boletín Latino-Americano de Música* no Brasil e afora.

Considerações finais

Durante o período de dois anos compreendido entre março de 1944 e março de 1946, empenhei-me na preparação e publicação do vol. VI do Boletim Latino-Americano de Música e seu respectivo Suplemento Musical, dedicado inteiramente à música, ao folclore e à musicologia no Brasil. Nessa mesma ocasião, a par desse esforço, iniciei pesquisas pessoais em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Recife, descobrindo, para a História da Música Brasileira, mais de três mil documentos até então desconhecidos. Tendo convidado então, cinquenta colaboradores, várias pesquisas foram realizadas de acordo com as minhas sugestões e consegui reunir um valioso conjunto de trabalhos que representam uma contribuição inédita ao estudo da história da música no Brasil (carta de Lange a Clemente Mariani, 01 out. 1948).

260

Anos após deste episódio do BLAM VI, a relação de Curt Lange com políticos atuantes permaneceu uma marca cultivada, como a relação com o então Governador mineiro Juscelino Kubitschek (1951–1955) que, através da intermediação de Levindo Lambert (então diretor do Conservatório Mineiro de Música), manifestou o seu apoio pela publicação do BLAM (telegrama de Levindo Lambert a Curt Lange, 20 abr. 1952). A correspondência com Lambert, trabalhada mais em detalhe por Elisete Dias Xavier (Xavier, 2008), e que envolve o polêmico caso e acusação sobre a pesquisa em música no período colonial de Minas Gerais, investigado pelo musicólogo Claudio Remião (Remião, 2018), foi um dos “nós” que levaram a uma partilha de narrativas pessoais que se mantinham frequentemente restritas a um silêncio socializado. Nas confidências partilhadas, encontram-se ainda muitos traços do desapontamento de Lange referente à não publicação dos volumes pré-preparados (VI,2 e VI,3), desvelando mais abertamente a consternação de um ideal não concretizado e de uma continuidade interrompida que, *hélas*, não foi somente uma perda unilateral que desmereça a pesquisa *per se*.

O volume VI do Boletín foi o último da série, e como a este se acha vinculado um episódio por demais desagradável, que ilumina de novo a falta de associação de interesses e o nosso individualismo exacerbante, vale a pena citá-lo, quando se está frente uma iniciativa que traz benefícios coletivos. O volume VI da referida publicação demorou muito a aparecer pela lentidão com que os colaboradores entregaram os manuscritos e pela dificuldade em conseguir, durante a segunda guerra mundial, uma boa qualidade de papel. [...] / Havendo reunido finalmente bastante material para um segundo volume VI da série, especialmente da nossa lavra, todo ele referente ao Brasil musical, resolvi prepará-lo lentamente com o texto e as gravuras, prometendo ser o VI/2 um digno congênere do volume VI/I. Quando se achava o material em terceira prova já revista e paginada, e com as gravuras inseridas, tanto dos exemplos musicais como das ilustrações diversas, comecei de novo lutando para a obtenção de um financiamento fácil, consiste apenas na mão-de-obra e no papel, fornecido a baixo custo pela imprensa nacional. Fracassei completamente nessa iniciativa, permanecendo esta nova publicação, com 620 páginas já articuladas, durante dez anos guardada no referido Instituto impressor, sem que alguém se preocupasse em obter o seu lançamento. / Finalmente, não reagindo às personalidades que deveriam estar seriamente interessadas neste volume, a composição do texto foi fundida e as gravuras lançadas ao lixo. Eis aqui novamente posto a descoberto a ausência de espírito patriótico e associativo, tão escasso em os nossos países (Lange, 1977, p. 263-264).

261

O Brasil que Lange desejou conhecer e pesquisar, integrar e colaborar foi afetado por aspectos como: a) o contexto político e imposição de uma Comissão Organizadora que enfraquecia a autonomia de Curt Lange em um projeto que visava vantagens além fronteiras; b) a ambiguidade da gestão de Villa-Lobos (dado que ocupava uma função de destaque como Presidente da Comissão), que levou a um acentuado desgaste por uma comunicação majoritariamente indireta; c) a não transparência do fluxo de verba então atribuída ao projeto do BLAM, e supostamente desviada; d) a busca por argumentos que pudessem justificar uma responsabilidade muitas vezes contraditória ou incoerente, como a alegada compra do papel pela Imprensa Nacional, cuja qualidade foi publicamente exposta e polemizada; e ainda e) a repercussão do “Prólogo” de Lange a esse derradeiro volume que “muito sincero [...] vai mostrando uma série de falhas da vida musical do Brasil, comparativamente com as outras da América” (carta de Curt Lange a Cláudio Santoro, 11 out. 1946). Estes são porém apenas alguns dos elementos extramusicais que, sendo essencialmente

frutos da interação interpessoal, não encontram ainda respaldo e espaço nas reflexões musicológicas.

A busca por uma *musicologia humanizada* nos coloca no desconforto do dilema sobre o quanto devemos expor de situações que, no limite, denunciam bastidores constrangedores de figuras mais ou menos públicas da nossa realidade musical e musicológica, face à transparência do processo de pesquisa. O (acima constatado) desalinhamento entre os agentes envolvidos permaneceu por anos e ficou registrado nas trocas de correspondência, que também nos permite analisar lugares e contextos de fala por vezes contrários à busca pela perpetuação de ídolos, gênios ou simplesmente intelectuais carimbados em nossos registros e narrativas. Enfim, trata-se de um episódio que poderíamos perfeitamente transpor para tantos outros episódios da nossa atualidade, e que — sem ater-nos à compreensão dos fatos, naturalmente condicionada à perspectiva e à bagagem de entendimento de cada qual — condiciona o olhar que temos sobre o labor musicológico.

262

E como repetiu o Villa-Lobos, danado comigo porque não quis dedicar o Boletín Latinoamericano de Música, dedicado ao Brasil, é dizer, à nação financiadora, só a êle, com os elogios incommensuráveis do génio insuperavel,.. / Guiava-me só a idéia de que o Brasil guardasse os seus tesoros e as ventilasse às futuras gerações, oportunamente. Mas onde deixar a música? Ao Villa, a esse maluco que tudo levava para sua casa? A esse homem que tinha o dinheiro do Boletín, entregue pelo Ministério da Educação numa conta particular e que foi aos Estados Unidos com esse dinheiro, deixando-me sem verbas no Rio, reintegrando-o quando voltou já com dinheiro ganho na viagem? E o caso do Vila. Deixei na Imprensa Oficial no Rio mais dois volumes do Boletín, com 1.200 páginas, prontos, com três leituras de provas e grande número de gravuras costosíssimas hoje, porque não interessa a êle a saída destes volumes porque não falam dêle. E os outros autores, que já saíram, pensam a mesma coisa (carta de Curt Lange a Levindo Lambert, 23 mar. 1955).

A promoção de um ideal de “nacionalismo brasileiro” musical, independentemente da visão subjacente aos interlocutores de então, poderia ter várias perspectivas: a) a de um governo, ou ideal, que almeja promover a música produzida no Brasil, independentemente da sua origem (ou objetivo) mais “tradicional”, “popular” ou “erudita”; b) a de uma ala de

compositores para a qual Villa-Lobos torna-se um estandarte, acentuando um distanciamento de outros que podemos classificar na vanguarda musical erudita; c) a de um Curt Lange, estrangeiro, e seus apoiadores que ao focar numa abordagem ainda incipiente de pesquisa arquivístico-musical no Brasil, em particular da música sacra no período colonial em Minas Gerais, acrescenta mais uma variável à diversidade musical no contexto brasileiro. Seguindo numa direção contrária à tendência que então se impunha de buscar raízes de um passado desarticulado dos efeitos da colonização, a pesquisa de Lange contribui para uma reavaliação crítica das raízes coloniais da música brasileira, desencadeando um movimento reativo que identifica a pesquisa como fruto de uma invenção musical ou musicológica (polêmica aprofundada por Remião, 2018) e estremece o posicionamento de uma ala que queria evitar esses outros repertórios eruditos como “nossa música” ou “aquela que nos representa”, perpetuando a construção de uma identidade musical nacional pautada em oposições binárias entre o “nosso” e o “outro”.

Numa outra perspectiva, a questão do índice dos volumes, seja pela inclusão e exclusão de artigos das duas últimas partes na troca organizativa final do material, contém elementos que poderiam ainda ser analisados tanto técnica quanto socialmente como indícios sobre a rede de relações, poderes e interesses entre os intervenientes, autores ou sujeitos de pesquisa. Além do conteúdo, das escolhas dos autores e dos trabalhos finais publicados e restantes previstos, o lugar da musicologia, em particular na década de 1940, poderia ainda ser analisado no contexto intelectual musical interno e externo ao Brasil. Quando Villa-Lobos argumenta que o primeiro volume do BLAM VI estava “sobremaneira comprometido com a musicologia”, implicitamente reforça também a dicotomia ainda prevalecente entre a teoria e prática, dado que estariam “desprezando os trabalhos de análises de obras de autores brasileiros” (carta de Adhemar Nóbrega a Curt Lange, 11 abr. 1946). Contudo, esta questão não parece ter sido um fator de desacordo entre Lange e Villa-Lobos, se considerarmos que Lange enfrentou posteriormente esse tema quando analisou os

ramos de uma musicologia humanística ou musicologia autêntica que deveria valorizar o contato com a “matéria viva” ou a necessidade de uma prática musical “utilíssima em problemas de interpretação e transcrição de documentos, assim como na recompilação etnográfico-musical [...] que poderíamos qualificar de unilateral na musicologia” e que, na década de 1970, considerava que já tinha sido felizmente superada (Lange, 1977, p. 242).

Nesse sentido, a intensa troca que envolvia a Imprensa para finalizar o projeto, quando Villa-Lobos altera dois artigos da segunda parte para a primeira gerando um constrangimento traumático (dado que obriga a rever a paginação de todo o volume), possibilita diversas ilações sobre as reais motivações para essa mudança em momento tão próximo da concretização da publicação. De qualquer forma, a inesperada troca no período final da edição desse volume reflete essa susceptibilidade ainda hoje presente na realidade acadêmico-científica: a necessidade de acentuar a harmonia de direcionamentos entre a prática e interesses mais reflexivos da música, como a musicologia e a análise enquanto técnica que validaria a respectiva qualidade.

264

Em outro viés, quando abordamos tangencialmente a praxeologia musicológica e a necessidade de abordar mais diretamente outras lentes de observação a partir das fontes disponíveis, destacamos essa abordagem como *lógica* e não enquanto *método*, uma vez que foi bastante questionado em outras áreas e desviaria do nosso objeto de estudo. Nesse sentido, se considerarmos, por exemplo o papel de Adhemar Nóbrega (1917–1979) nesta narrativa, o identificaremos como um agente determinante no contexto das relações de Lange e, conseqüentemente, na sua rede de sociabilidade. Mas embora reconheçamos em Adhemar Nóbrega um intermediador crucial no processo de edição do BLAM VI, seu papel é colocado em voz passiva neste relato musicológico. Como exemplo de uma sucinta análise a partir do mesmo levantamento epistolar realizado para este trabalho, em uma carta a Cláudio Santoro, Lange define Adhemar Nóbrega como “camarada”, provavelmente remetendo à afini-

dade política comum com seu interlocutor destinatário (carta de Lange a Cláudio Santoro, 23 jun. 1946). Nessa data, Nóbrega era ainda um recém diplomado do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (1944) e iniciava sua carreira acadêmica como professor em condições bastante instáveis (aspecto este que também poderia ser passível de análise à luz da atualidade):

Você não sabe, meu caro, como está se panejando e executando a campanha de perseguições aos que pensam politicamente como eu. Quanto aos chefes de repartições ou de serviços, estes já estão sendo afastados das comissões. E fala-se insistentemente numa medida radical qual seria a demissão de todos os servidores, militantes ou simples simpatizantes. Diante disso. Eu que tenho responsabilidade de família, vou procurando assegurar uma outra situação, para eventualidade de ser dispensado do C.N.C.O., onde, de resto, não posso encarar com otimismo a minha estabilidade, uma vez que não sou funcionário e o Presidente da República está autorizando toda a sorte de restrições nas despesas (o que, diga-se passagem, é bem louvável, desde que se leve a sério a providência sem exceções (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 01 jul. 1946).

Em outro momento, Nóbrega faz referência a funcionários que reivindicavam aumento salarial e que foram “presos e barbaramente torturados” (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 01 jul. 1946). Na sequência do episódio do BLAM, segundo a carta de Luiz Heitor para Curt Lange, Adhemar Nóbrega retornaria quase dois meses após um afastamento por motivos de saúde (carta de Luiz Heitor a Lange, 05 dez. 1946) mas em inícios de 1947, após as recentes eleições, Adhemar descreve mais detalhadamente sobre o PCB e contextos políticos: “P.S. — As eleições de domingo (19) se realizaram em perfeita ordem. Os primeiros resultados em Recife e São Paulo dão uma robusta maioria aos candidatos do P.C.B., ao executivo estadual. No Rio, reina grande expectativa, admitindo-se que nós elejamos mais um senador” (carta de Adhemar Nóbrega a Lange, 21 jan. 1947). Um ano após, uma outra perspectiva sobre Adhemar é repassada por Lange a Guerra-Peixe, a quem confidenciava abertamente a demora da publicação do BLAM:

NÓBREGA: se a atrapalhão é proposital gostaria saber se é contra mim. Deve ser gente muito burra porque se eles querem demorar a publicação, todo o mate-

rial já composto e os clichês vão se estragar. Seria bom saber alguma coisa disso. A dependência do Nóbrega do Villa é de tal calibre que nunca esse rapaz [então com 30 ou 31 anos] larga a verdade. Sempre está com medo das represálias (carta de Curt Lange a Guerra-Peixe, 10 fev. 1948).

Sem prologarmos esta análise pela relação indireta com Curt Lange e a respectiva publicação do BLAM, os fatos registrados demonstram seu período inicial e ideais que gradualmente foram deixados para um contexto em que Villa-Lobos representava também uma mais segura aliança. Deparamo-nos assim com o incômodo de uma musicologia de abordagem crítica, cuja análise sobre o posicionamento do BLAM enquanto produto e termômetro de um contexto e realidade está muito distante de ser exaustiva. Não tivemos oportunidade, por exemplo de adentrar no quanto os agentes do governo interferiram diretamente na publicação do BLAM, como no caso da proposta da capa do volume com as cores da bandeira e que, segundo Villa-Lobos, tinha sido recusado pelo Ministro (carta de Curt Lange a Villa-Lobos, 01 mar. 1946). Se por um lado podemos analisar o lugar do intermediador da informação, seus princípios e interesses em legitimar suas preferências, por outro, teríamos de analisar a efetiva relação para dimensionar o papel “civilizador” do BLAM em meados do século XX no Brasil.



Referências

- Arcanjo Júnior, Loque. “Francisco Curt Lange e Mário de Andrade entre o Americanismo e o Nacionalismo musicais (1932–1944)”. *Temporalidades* (Revista Discente do Programa do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG), v. 3, n. 1, p. 35–55, 2011.
- Assis, Ana Cláudia; Godoi, Rafael Felício Silva. “O *Boletín Latino-Americano de Música* VI (1946): entre linhas, músicas e ideias”. *Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM)*, XXVI., 2016, Belo Horizonte. *Anais* [...]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2016. p. 1–10.
- Braga, Natália; Rocha, Edite. “Francisco Curt Lange e o *Boletín Latino-Americano de Música* VI: publicações da crítica musical brasileira”. *Simpósio Internacional Música e Crítica: lembrança aos 80 anos do falecimento de Oscar Guanabara*, 1., 2019, Pelotas. *Anais* [...]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), 2019. p. 101–108.
- Buscacio, César Maia. *Americanismo e nacionalismo musicais na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934–1956)*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2010.
- Chase, Gilbert. “Recent Books: Americanismo Musical”. *Modern Music: A Quarterly Review*, v. 20, n. 3, p. 214–215, 1943.
- Fairley, Lee. “A Check-List of Recent Latin American Music Periodicals”. *Notes*, v. 2, n. 2, p. 120–123, 1945.
- Gates, Eunice Joiner. “Brazilian Music”. *Hispania*, v. 22, n. 2, p. 129–134, 1939.
- Klatovsky, Richard. “Die Interamerikanische Musikbewegung in Lateinamerika”. *Österreichische Musikzeitschrift*, v. 3, n. JG, p. 283–284, 1948.
- Lange, Curt. “Americanismo musical: ideias para uma futura sociologia musical latino-americana”. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 2, , p. 93–113, 1935.
- Lange, Francisco Curt. *Boletín Latino-Americano de Música*, v. 1. 1.^a ed. Montevideu, Uruguai: Peña & Cia. Imp., 1935a.
- Lange, Francisco Curt. *Boletín Latino-Americano de Música*, v. 2. 1.^a ed. Lima, Peru: Imprenta Editorial Lumen, 1936.
- Lange, Francisco Curt. *Boletín Latino-Americano de Música*, v. 3. 1.^a ed. Montevideu, Uruguai: Talleres gráficos “Gutenberg” – Juan Vicente Rodino, 1937.
- Lange, Francisco Curt. *Boletín Latino-Americano de Música*, v. 4. 1.^a ed. Bogotá, Colômbia: Litografía Colombia Bogotá, 1938.

Lange, Francisco Curt. *Boletín Latino-Americano de Música*, v. 5. 1.ª ed. Montevideu, Uruguai: Colombino Hnos. Ltda., 1941.

Lange, Francisco Curt. *Boletín Latino-Americano de Música*, v. 6. 1.ª ed. Rio de Janeiro, Brasil: Imprensa Nacional do Brasil, 1946.

Lange, Francisco Curt. “O processo da musicologia na América Latina”. *Revista de História*, v. 55, n. 109, p. 227–269, 1977.

Lange, Francisco Curt. *Suplemento Musical*, v. 1 [do *Boletín Latino-Americano de Música*, v. 1]. Buenos Aires, Argentina: Casa Impressora de Música M. Calvello, 1935b.

Langford, Walter M. “Concerning Latin American Culture”. *Thought: Fordham University Quarterly*, v. 17, n. 1, p. 160–161, 1942.

Lema, Gastón Ezequiel. “La figura del compositor, los nacionalismos y el americanismo en el boletín latino-americano de música (1935–1941), de Francisco Curt Lange”. *Revista del Instituto de Investigación Musicológica Carlos Vega*, v. 38, n. 2, p. 47–69, 2024.

Mazzeo, Guido E. “Iberoamerica: su Presente y su Pasado”. *Thought: Fordham University Quarterly*, v. 17, n. 1, p. 161–162, 1942.

268

Mendoza, Vicente T. “Acerca del Boletín Latinoamericano de Música (Montevideo. Año III, Tomo III. Abril de 1937)”. *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas UNAM*, v. 2, n. 3, p. 69–70, 1939.

Mendoza, Vicente T. “Boletín Latinoamericano de Música [v]”. *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas UNAM*, v. 10, n. 3, p. 134–136, 1943.

Moya, Fernanda Nunes. *Diálogos entre Mário de Andrade e Francisco Curt Lange: nacionalismo e americanismo musicais nas décadas de 1930 e 1940*. 2014, 207 f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/121976>. Acesso em: 02. dez. 2024.

Moya, Fernanda Nunes. “Francisco Curt Lange e o Americanismo Musical nas décadas de 1930 e 1940”. *Faces da História* (dossiê *O lugar sem limites: América Latina em perspectiva*). v. 2, n. 1, p. 17–37, 2015.

Neto, Lira. *Getúlio (1930–1945). Do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. v. 2.

Remião, Cláudio Roberto D. *O caso Curt Lange : análise de uma polêmica (1958–1983)*. 2018, 334 f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação

em História, Universidade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8475>. Acesso em: 02. dez. 2024.

Remião, Cláudio Roberto D. “O Mário de Andrade de ‘Número especial’” *Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH)*, XXIV., 2007, São Leopoldo. *Anais* [...]. São Leopoldo: Unisinos, 2007. p. 1–8.

Rocha, Edite; Braga, Natália; Azevedo, Suelen. “O ‘Grande Plano’ de Curt Lange: os bastidores do projetado 1º Congresso Latino-Americano de Música (RJ, 1936)”. *Encontro de Musicologia Histórica do Campo das Vertentes*, VI., 2023, São João del-Rei. *Anais* [...]. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). p. 280–293.

Santos, Elias Souza dos; Ferronato, Cristiano de Jesus; Mecnas, Ane Luise Silva. “Histórias dos conservatórios brasileiros de canto orfeônico: consonâncias e dissonâncias nos cursos de formação do professorado de música”. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, 2019.

Schwartzman, Simon; Bomeny, Helena Maria Bousquet; Costa, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000 [1.ª ed. 1984].

Smith, Carleton Sprague. “Music Publications in Brazil”. *Notes*, v. 4, n. 4, p. 425–430, 1947.

Volpe, Maria Alice. “*Boletín Latino-Americano de Música* Volume Six (1946): Introduction”. *Répertoire international de la presse musicale (RIPM)*, 2014.

Xavier, Elisete Dias. *A correspondência de Curt Lange e Levindo Lambert*. 2008, 355 f. Dissertação (Mestrado em Música), Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/AAGS-839M9U>. Acesso em: 02. dez. 2024.

EDITE ROCHA

Professora Adjunta de Musicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Pesquisadora CNPq, com Doutorado em Música pela Universidade de Aveiro (Portugal, 2010) com apoio da FCT, Mestrado em Música Antiga pela *Hochschule für Alte Musik Basel, Schola Cantorum Basiliensis* (Suíça, 2004) com apoio do GRI-Cultura Portugal, e Licenciatura em Ensino de Música pela Universidade de Aveiro (Portugal, 1999). Sua Tese de Doutorado em Musicologia Histórica recebeu o “Prêmio de Investigação Histórica D. Manuel I” (2011). Líder do Grupo de Pesquisa “Centro de Estudos de Acervos Musicais Mineiros” (CEAMM/CNPq), realizou Pós-Doutorado no Instituto de Etnomusicologia e Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md) da Universidade Nova de Lisboa, com o apoio da FCT e *King’s College London/Brazil Institute*. Coordenadora do Acervo Curt Lange/Rede de Museus da UFMG (desde 2015) e do Grupo de Estudos internacional sobre “Francisco Curt Lange” da ARLAC (Associação Regional da América Latina e Caribe, *Internacional Musicological Society*), é colaboradora do “Núcleo Caravelas de História da Música Luso-Brasileira” do CESEM/NOVA FCSH (Portugal) e do “Núcleo de Estudos de Música Brasileira” da UFMG. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Música da UFMG (2021–2023). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-9712-9019>. E-mail: editerocha@ufmg.br

270

NATÁLIA BRAGA

Graduada e Mestra em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), curso atualmente o Doutorado na Linha de Pesquisa “Música e Cultura” do Programa de Pós-Graduação em Música da mesma instituição com apoio da CAPES. Pesquisadora colaboradora do Acervo Curt Lange/Rede de Museus da UFMG, integra ainda o Grupo de Pesquisa “Centro de Estudos de Acervos Musicais Mineiros” (CEAMM/CNPq) e o “Núcleo de Estudos de Música Brasileira” da UFMG (NEMUB/CNPq). ORCID id: <https://orcid.org/0009-0009-1932-1035>. E-mail: nataliabraga.nb@gmail.com